

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HIAGO ABREU NUNES

A Construção da feminilidade e da sexualidade feminina na obra de Clara
Thompson

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Siqueira Caropreso.

JUIZ DE FORA

2026

HIAGO ABREU NUNES

A Construção da feminilidade e da sexualidade feminina na obra de Clara
Thompson

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de mestre. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Siqueira Caropreso.

JUIZ DE FORA

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nunes, Hiago Abreu .

A Construção da feminilidade e da sexualidade feminina na obra de Clara Thompson / Hiago Abreu Nunes. -- 2026.
84 p.

Orientadora: Fátima Siqueira Caropreso

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2026.

1. Clara Thompson. 2. Feminilidade. 3. Desenvolvimento Sexual Feminino. 4. Psicanálise Interpessoal. 5. Identificação. I. Caropreso, Fátima Siqueira , orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CURSO DE MESTRADO

A Construção da feminilidade e da sexualidade feminina na obra de Clara Thompson

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de mestre. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Aprovada em 10 de agosto de 2026

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Renata Udler Cromberg – PUCSP



Prof. Dr. Vinícius Lara da Costa – USP



Orientadora: Profa. Dra. Fátima Siqueira Caropreso

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Alessandra, que sempre esteve ao meu lado durante todo o meu percurso acadêmico e que me deu amor e carinho nos momentos difíceis.

Agradeço à minha orientadora, Fátima Caropreso, que, com muita paciência, me guia desde a graduação e que me inspira a ser um pesquisador melhor.

À minha analista, Maria Cláudia, que escutou todos os meus surtos e me dá esperança de uma clínica psicanalítica de qualidade.

Ao Círculo de Estudos Psicanalíticos, que me lembra da importância de uma prática clínica crítica e social.

Aos meus amigos, que sempre apoiam meus sonhos e vontades, trazendo-me conforto e diversão. Em especial, gostaria de mencionar os amigos que a vida me deu, como a Giulia e o Yanni, e também os amigos que a academia me proporcionou, em especial Laura, Gabi, Mariana, Mayara, Nathália e minha gêmea de mestrado, Amanda.

Também gostaria de agradecer à minha banca, Vinícius da Costa e Renata Cromberg, que foram essenciais com suas contribuições durante a qualificação e a defesa e que agregaram muito à redação deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, À Universidade Federal de Juiz de Fora, por demonstrar a importância da troca entre os pares no ambiente acadêmico. Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

À CAPES e à FAPEMIG, pelas bolsas de mestrado concedidas.

RESUMO

Ao longo de sua obra, a psicanalista Clara Thompson abordou diversos aspectos do desenvolvimento sexual feminino, distanciando-se das ideias clássicas presentes na psicanálise. Ao enfatizar a influência das variáveis socioculturais, Thompson propõe um deslocamento da centralidade da visão masculina da sexualidade presente na teoria psicanalítica. Embora possua uma produção teórica de grande relevância sobre a feminilidade e sobre a psicanálise em geral, o pensamento de Thompson continua pouco explorado e conhecido. O objetivo desta dissertação é apresentar as hipóteses de Thompson sobre o desenvolvimento feminino a partir de uma análise histórico-conceitual de seus textos publicados entre 1930 e 1964. Para tanto, investiga-se como as dinâmicas da identificação e da imitação operam na estruturação da identidade e do sofrimento psíquico, demonstrando como esses processos clínicos estendem-se à compreensão da própria feminilidade. A partir dessa articulação, evidencia-se que a construção da mulheridade é determinada primordialmente pelas interações sociais em detrimento de determinismos biológicos, demonstrando que traços comumente rotulados como inatos constituem, na verdade, produtos da reação cultural. Busca-se discutir como essa perspectiva centrada na mulher modifica a visão psicanalítica da subjetividade e da sexualidade feminina

Palavras-chave: Clara Thompson; Psicanálise Interpessoal; Desenvolvimento Sexual Feminino; Feminilidade; Identificação; Imitação.

ABSTRACT

Throughout her work, psychoanalyst Clara Thompson addressed various aspects of female sexual development, distancing herself from classical ideas present in psychoanalysis. By emphasizing the influence of sociocultural variables, Thompson proposes a shift away from the male-centered view of sexuality in psychoanalytic theory. Although she possesses a highly relevant theoretical production on femininity and psychoanalysis in general, Thompson's thought remains underdeveloped and little known. The objective of this dissertation is to present Thompson's hypotheses on female development through a historical-conceptual analysis of her texts published between 1930 and 1964. To this end, it investigates how the dynamics of identification and imitation operate in the structuring of identity and psychic suffering, demonstrating how these clinical processes extend to the understanding of femininity itself. From this articulation, it becomes evident that the construction of womanhood is primarily determined by social interactions rather than biological determinisms, showing that traits commonly labeled as innate are, in fact, products of cultural reaction. We seek to discuss how this woman-centered perspective modifies the psychoanalytic view of female subjectivity and sexuality.

Keywords: Clara Thompson; Interpersonal Psychoanalysis; Female Sexual Development; Femininity; Identification; Imitation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 CLARA THOMPSON: A CONSTRUÇÃO DE UMA PSICANALISTA QUESTIONADORA.....	10
2.1 CLARA THOMPSON E OS ESTADOS UNIDOS	10
2.2 BUDAPESTE E SUA RELAÇÃO COM FERENCZI.....	15
3 IDENTIFICAÇÃO E IMITAÇÃO.....	20
3.1 O CASO DE MARIAN.....	21
3.2 IDENTIFICAÇÃO ACRÍTICA E IMITAÇÃO CONSCIENTE	28
4 FEMINILIDADE.....	34
5 O ENCONTRO DA CULTURA E DA BIOLOGIA.....	54
5.1. O DESENVOLVIMENTO FEMININO: FATORES SOCIAIS E BIOLÓGICOS	54
5.2 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	59
5.3 A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA.....	64
5.4 A MEIA-IDADE.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise surgiu a partir da necessidade de explicar os casos de histeria que afligiam muitas mulheres no fim do século XIX e no início do século XX (Melo & Almeida, 2020). Assim, desde o início, o público feminino foi objeto de estudo dessa disciplina. Sigmund Freud, seu criador, utilizou a sexualidade feminina como fonte de inspiração e estudo para pautar grande parte de suas descobertas, principalmente nos primeiros anos de sua teoria. As mulheres, portanto, inicialmente foram colocadas no lugar de objeto e o campo psicanalítico foi dominado por homens com ideias, muitas vezes, centralizadas no pensamento masculino sobre o desenvolvimento feminino. Apesar disso, ainda no final do século XIX, Emma Eckstein se tornou psicanalista e, principalmente a partir da década de 1910, mulheres como Sabina Spielrein, Lou Andreas-Salomé, Hermine Hug-Hellmuth, entre outras, ingressaram no movimento psicanalítico como clínicas e teóricas (Caropreso & Cromberg, 2025). Algumas das primeiras psicanalistas começaram a questionar a concepção freudiana sobre a sexualidade e o desenvolvimento feminino, em especial Helene Deutsch, Karen Horney, Joan Riviere e, de maneira central para esta pesquisa, Clara Thompson.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra de Clara Thompson e suas concepções sobre a sexualidade feminina. Thompson foi uma psicanalista estadunidense nascida no final do século XIX, que nunca se conformou com ideias de feminilidade amplamente aceitas e difundidas na época (D'Ercole, 2022a; Green, 1964). Ela viveu em um momento em que os Estados Unidos atravessavam um período de mudança. Principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, as mulheres adentraram com mais força no mercado de trabalho, no entanto, simultaneamente, tinham que conviver com ideias conservadoras oriundas de suas formações familiares (Thompson, 1953/1964). A crítica de Thompson à sociedade patriarcal se reflete em seus textos psicanalíticos, nos quais ela questiona os vieses androcêntricos presentes na psicanálise freudiana ortodoxa.

Além da publicação de ensaios dedicados à feminilidade, a obra de Thompson abarca produções que investigam a conjuntura institucional da psicanálise nos Estados Unidos em meados do século XX (Thompson, 1958/1964). Seu legado inclui também escritos voltados especificamente para a clínica psicanalítica, nos quais a autora confere centralidade ao manejo e ao funcionamento da dinâmica transferencial (Thompson, 1938/1964; Thompson, 1948/1964).

Diante desse panorama, a investigação dessas proposições busca ressaltar a originalidade do pensamento de Clara Thompson, evidenciando o modo como seu olhar sobre a mulher estadunidense se distancia das formulações europeias do início do século XX. Para analisar o

conjunto de sua obra dedicado à feminilidade, adotou-se o método de análise histórico-conceitual (Simanke & Caropreso, 2018). O percurso consistirá em uma análise conceitual interna dos textos, articulada à investigação histórica do contexto cultural e científico em que as ideias da autora foram gestadas.

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta uma breve biografia de Thompson, cuja relevância se justifica pelo fato de ela ser uma autora pouco estudada no cenário contemporâneo, o que torna necessário a construção de um panorama histórico para compreender como sua produção foi influenciada por seu ambiente e por suas vivências pessoais. Os trabalhos biográficos publicados em dois volumes por Ann D'Ercole, *Clara M. Thompson's Early Years and Professional Awakening* (2022a) e *Clara M. Thompson's Professional Evolution and Legacy* (2022b), somados ao capítulo biográfico escrito por Green (1964) constituem as fontes primordiais desse mapeamento inicial.

No segundo capítulo desta pesquisa, investiga-se como Thompson compreendia a identificação e a imitação, demonstrando de que modo seu pensamento inicial influenciou sua produção subsequente sobre a feminilidade. Além de apresentar uma breve introdução acerca da psicanálise interpessoal, o objetivo desta seção do trabalho é evidenciar como a dinâmica da identificação acrítica e com o inimigo opera na estruturação da identidade e do sofrimento psíquico. Os textos abordados para essa articulação conceitual são *Analytic Observations during the Course of Manic-Depressive Psychosis* (Thompson, 1930/1964) e *Identification with the Enemy and Loss of the Sense of Self* (Thompson, 1940/1964).

No terceiro capítulo, são analisados os seus textos avulsos sobre a feminilidade, tendo em vista demonstrar como a teoria de Thompson evoluiu ao longo dos anos até amadurecer para a produção de um livro sobre o tema. Os textos abordados nesta seção são *The Role of Women in This Culture* (Thompson, 1941/1964), *Cultural Pressures in the Psychology of Women* (Thompson, 1942/1964), *"Penis Envy" in Women* (Thompson, 1943/1964), *Working Women* (Thompson, 1949/1964) e *Some Effects of the Derogatory Attitude toward Female Sexuality* (Thompson, 1950/1964).

No quarto capítulo, são examinados os manuscritos de Thompson publicados postumamente por Maurice Green em 1964 e o ensaio *Changing Concepts of Homosexuality in Psychoanalysis* (1947/1964), com o intuito de estabelecer um diálogo entre suas formulações sobre o tema. O objetivo desta seção é demonstrar como as concepções de Thompson acerca da

feminilidade mantiveram-se relativamente constantes ao longo de sua produção, além de expor sua leitura clínica e teórica sobre as dinâmicas da homossexualidade.

A partir da análise desses textos, esta dissertação tem como objetivo esclarecer que, para Clara Thompson, a construção da feminilidade e da sexualidade feminina tem sua gênese assentada primordialmente nas interações sociais, afastando-se da hipótese de que determinismos inatos são preponderantes. Para a autora, a biologia atua como um substrato inicial para o desenvolvimento, contudo, é a reação cultural que influencia de forma mais direta a vivência sexual.

2 CLARA THOMPSON: A CONSTRUÇÃO DE UMA PSICANALISTA QUESTIONADORA

2.1 CLARA THOMPSON E OS ESTADOS UNIDOS

Clara Mabel Thompson nasceu em 3 de outubro de 1893, em Providence, Rhode Island, Estados Unidos (D'Ercole, 2022a). Sua família desfrutava do melhor dos dois mundos, pois não residia na área central de Providence, e sim em seus arredores, cercada por florestas e fazendas; ao mesmo tempo, tinha acesso à educação e cultura da cidade (Green, 1964).

De acordo com D'Ercole (2022a), a residência de Thompson nunca estava vazia. Ela morava com os pais, avós maternos e paternos e, recorrentemente, com outros parentes que passavam temporadas no local. A família toda era protestante e frequentava a igreja *Jefferson Street Baptist Church*; o lado materno, todavia, era muito mais fervoroso e conservador, o que gerou uma aproximação maior de Thompson com os parentes paternos. O extremismo religioso fez com que a menina se afastasse da mãe. Além disso, aos 9 anos, o núcleo familiar aumentou: seu irmão, Frank Thompson, nasceu, tornando-se o favorito da progenitora.

Conforme aponta Green (1964), Thompson sempre apresentou divergências quanto à feminilidade, sendo considerada uma *tomboy*. Ela viveu uma infância similar à de um garoto, brincando no campo e apresentando características classificadas socialmente como masculinas (Jones, 1999). Esse comportamento fez com que ela entrasse em conflito constante com a mãe, uma pessoa extremamente enérgica que não se importava em utilizar métodos disciplinares violentos. Na adolescência, os embates acerca de como o gênero deveria ser performado se agravaram (D'Ercole, 2022a).

Ao entrar no ensino médio, Thompson começou a levar os estudos e a religião com mais rigor, participando de diversas atividades extracurriculares e tornando-se uma das melhores alunas da instituição (Green, 1964). Ela decidiu ser médica e justificou sua escolha à família dizendo que seria missionária, algo bem-visto pela igreja, de modo que recebeu o apoio dos pais. De acordo com D'Ercole (2022a), Thompson, em 1912, ingressou na *Pembroke College*, uma faculdade feminina mantida pela Universidade de Brown, onde fez seu curso de pré-medicina. Durante seus anos em Pembroke, seu mundo se expandiu; além de matérias relacionadas à medicina, ela estudou a Bíblia, literatura do século XIX, filosofia e sociologia. Os conflitos entre uma vida conformada

e religiosa e o incentivo de seus professores e colegas para enxergar o mundo de uma forma diferente levaram ao distanciamento da mãe e da religião por quase 20 anos.

Após a faculdade e antes de começar oficialmente a estudar medicina, Thompson teve um trabalho de verão como assistente psiquiátrica no *Danvers State Hospital*, em Massachusetts, tendo assim seu primeiro contato com a saúde mental (D’Ercole, 2022a; Green, 1964). Em 1916, a futura psicanalista ingressou na *Johns Hopkins University*, um marco que a consagrou como uma mulher moderna. Thompson (1941/1964, 1942/1964) reconhece em seus textos posteriores que a escolha de seguir uma carreira era vista por muitos psicanalistas como um sinal de complexo de masculinidade, e que a discriminação contra as mulheres no meio acadêmico estava enraizada, a ponto de muitas delas serem consideradas imorais.

Apesar de mais livre de suas amarras religiosas, Thompson ainda vivia conflitos relacionados à sua criação durante seus estudos. A vida das mulheres americanas estava em rápida mudança, e mensagens de liberdade e crescimento profissional eram contrastantes com uma educação religiosa que pregava a submissão feminina e incentivava que elas se tornassem donas de casa.

Durante sua formação inicial, Thompson já discutia a psicanálise com seus colegas, mas foi em seu segundo ano que conheceu Lucille Dooley, profissional que havia assistido à conferência sobre psicanálise realizada em 1909, na Clark University, evento do qual Freud, Jung, Meyer e Ferenczi participaram (Green, 1964). Thompson sentiu-se entusiasmada por ter alguém experiente para conversar sobre o tema; diante dessa afinidade, Dooley a convidou para trabalhar no *St. Elizabeth's Hospital* em Washington, D.C., onde conheceu William Alanson White, psiquiatra e professor que incentivava seus estudantes a aplicarem o método psicanalítico nos pacientes com transtornos psíquicos (D’Ercole, 2022a).

Conforme registra D’Ercole (2022a), Thompson começou sua residência na *Hopkins’ Phipps Clinic* em 1922, assegurando o título de residente assistente e instrutora de psiquiatria. Seu supervisor, Adolf Meyer, não era favorável à psicanálise e a aconselhava a não traçar esse caminho; contudo, visto que ela também havia trabalhado sob a orientação de White anteriormente, já estava de certa forma familiarizada com essa abordagem e afeiçoada a ela.

Nessa mesma fase, Clara conheceu Joseph Thompson, psicanalista com ideias peculiares para a época, por exemplo, o apoio à análise leiga¹ (D’Ercole, 2022a). Em 1924, ela começou a ser

¹ A questão da análise leiga nos EUA estende-se por um longo período. No país, a psicanálise estava

analisada por ele, fato que ajudou a mitigar sua infelicidade. Seu supervisor, Adolf Meyer, desconfiava que Joseph e Clara mantinham um envolvimento amoroso, rumor veementemente negado por ela.

O relacionamento de Thompson com Meyer foi intenso. Inicialmente, ambos eram muito próximos e o supervisor acreditava no potencial da profissional, tanto que, em uma ocasião na qual precisou se ausentar, ela ficou responsável pelo cuidado de seus pacientes. Meyer também a amparou quando ela adoeceu com febre tifoide e, posteriormente, durante um período de estado depressivo. No entanto, D’Ercole (2022a) aponta que ele realmente não apreciava a psicanálise e nutria forte antipatia por Joseph Thompson, o que desgastou sua proximidade com Clara Thompson. Após uma acalorada troca de cartas, o vínculo entre eles chegou ao fim em 1929.

Foi ainda em seu segundo ano de residência, 1923, que Thompson conheceu um dos personagens mais importantes para sua história: Harry Stack Sullivan. Ambos construíram uma longa amizade, mantendo uma troca teórica e pessoal por mais de 25 anos, vindo inclusive a publicar artigos sobre a obra do amigo (Green, 1964; Thompson, 1952,1956).

Segundo os registros de Green (1964), após concluir sua residência, Thompson estabeleceu-se em um apartamento em Baltimore, em 1925, e deu início à sua prática clínica, acumulando também a função de lecionar no *Institute of Euthenics*, na *Vassar College*. Nesse período, ela já vivia de uma maneira considerada incomum para os padrões vigentes: era uma mulher solteira que possuía ajuda de uma empregada doméstica. Morava perto do melhor amigo, Sullivan, um homem homossexual, e do parceiro deste, James Inscoe. Por alguns anos, sua rotina resumiu-se a essa dinâmica.

Clara Thompson ficou insatisfeita com sua análise com Joseph Thompson e decidiu procurar um analista menos dogmático. Por indicação de Sullivan, entrou em contato com Sándor Ferenczi, por quem foi analisada durante os verões de 1928, 1929 e 1930 em Budapeste. Em 1931, disposta a passar por um período de trabalho clínico mais longo, a profissional mudou-se para a capital húngara por tempo indeterminado, chegando a estabelecer uma prática profissional no país (D’Ercole, 2022a). Paralelamente, em 1930, Sullivan havia organizado a Sociedade Psicanalítica

atrelada ao exercício da medicina, de forma que muitos psicanalistas não médicos eram descredibilizados. Freud escreve *A questão da análise leiga* (1926/2014) com o intuito de credibilizar a prática fora desse campo, argumentando que atrelar a formação do psicanalista estritamente à faculdade de medicina configura um monopólio institucional prejudicial à autonomia da própria ciência do inconsciente. Para um panorama histórico detalhado sobre essa resistência médica em solo americano, ver também D’Ercole (2022a).

de Washington-Baltimore, da qual Thompson fora eleita a primeira presidente. Durante os domingos do inverno de 1930/1931, ela reunia em seu apartamento um pequeno grupo, conhecido como “*Miracle Club*”, para discutir casos de pacientes (D’Ercole, 2022a; Green, 1964). Esses encontros cessaram com a mudança para a Europa. A relação de Thompson com Ferenczi repercutiu na teoria de ambos, como veremos na próxima seção. A sua estadia em solo húngaro encerrou-se em 1933, ano em que retornou aos Estados Unidos em decorrência da morte de Ferenczi.

Ao retornar à sua pátria, Thompson mudou-se para Nova Iorque, onde estabeleceu novos vínculos com psicanalistas que podem ser considerados “neo-freudianos²”. Ela deu início a uma produção intelectual diversa, que abrangeu a evolução da psicanálise interpessoal, o clima de tensão nos institutos de psicanálise, além de diversos artigos sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, tema focado neste trabalho. Como relata D’Ercole (2022b), Thompson era uma intelectual perene, criadora de pontes, e possuía o talento de integrar propostas de vários teóricos, relacionando de forma lógica as ideias mais clássicas da psicanálise com pensamentos mais contemporâneos. Ela se aproximou dos pressupostos de neo-freudianos, como Karen Horney, Harry Stack Sullivan e Erich Fromm, articulação que se evidencia no único livro que publicou, *Psychoanalysis: Evolution and Development* (1950), em que realizou uma síntese do surgimento e da evolução da psicanálise até o momento de sua publicação.

Ao se estabelecer em uma nova cidade, Thompson rapidamente criou um círculo de amigos. Ao lado de Sullivan, aproximou-se de Horney e Fromm. Os quatro formaram o “*Zodiac Club*”, similar ao “*Miracle Club*” em Baltimore (D’Ercole, 2022b). O grupo discutia suas próprias ideias e exercia influência mútua. Mesmo quando não se referenciavam explicitamente, era impossível não perceber as trocas intelectuais em suas produções. Além dos amigos que conquistou, depois de quase duas décadas, ela finalmente se reconciliou com sua mãe. Sua vida amorosa também desabrochou quando começou a se relacionar com o artista húngaro Henry Major (D’Ercole, 2022b).

Segundo D’Ercole (2022b), Thompson tinha o costume de minimizar seu papel nas discussões psicanalíticas. Devido à sua criação cristã que valorizava a humildade, muitas vezes ela

² Os neofreudianos contestavam o dogmatismo freudiano e seu universalismo. Dessa forma, muitos elementos da teoria original deveriam ser superados ou reformulados, como a sexualidade, pulsão, repressão, transferência, entre outros (Roudinesco & Plon, 1997).

não considerava sua contribuição para a psicanálise relevante. No entanto, conforme destaca Gomes (2024), ela é considerada uma das protagonistas da psicanálise interpessoal e uma ponte para a influência ferencziana nos Estados Unidos.

A vertente interpessoal e culturalista da psicanálise, à qual Thompson pertencia, retirou o foco extremo das determinações biológicas, voltando-se para os aspectos culturais e as relações humanas. Dessa forma, uma aproximação com a antropologia era natural, de modo que os teóricos dessa corrente foram influenciados por Franz Boas e Edward Sapir, por exemplo.

Uma das psicanalistas que mais influenciaram os estudos de Thompson sobre a feminilidade e a sexualidade feminina foi Karen Horney. Ao longo de sua obra, Horney abordou diversos aspectos do desenvolvimento psicosssexual, desde a formação do complexo de castração nas mulheres até os conflitos maternos. Sua produção teórica sobre o tema ocorreu majoritariamente nas décadas de 1920 e 1930, momento em que tais problemáticas e as diferenças entre os sexos começaram a ser mais discutidas no campo psicanalítico, como apontam Silva e Ferrari (2023).

A influência hegemônica de Freud na construção de uma psicanálise da mulher era amplamente questionada por Thompson, crítica presente na maioria de seus textos sobre o tema. Apesar de concordar com Horney, que contestava o modelo freudiano sob múltiplos aspectos, Thompson acreditava que esta tinha uma tendência a fazer generalizações simplificadas e tentava evitar esse viés. Além de ter uma concepção diferente sobre o papel dos fatores biológicos na psicologia da mulher, ela sofreu forte influência das considerações culturais, buscando referências em análises antropológicas e sociológicas sobre a sexualidade feminina.

Com o apoio de Horney, Thompson começou a lecionar no Instituto de Psicanálise de Nova Iorque, uma instituição fortemente tradicional que a desagradava pelo excesso de dogmatismo freudiano. No entanto, as aulas da dupla eram bem estimadas pelos alunos, o que gerou incômodo na direção (D’Ercole, 2022b). Com a publicação do livro de Horney, *New ways in psychoanalysis* (1939), a entidade fez uma assembleia que revogou o título de “*training analyst*” de Horney, em 1941. O evento gerou uma cena dramática em que Horney se levantou e retirou-se da sessão, sendo acompanhada por diversos colegas e alunos, incluindo Thompson. O grupo dirigiu-se a um bar, onde criou a *Society for the Advancement of Psychoanalysis* e o *American Institute for Psychoanalysis*, sob a liderança de Horney (D’Ercole, 2022b).

Ainda em 1941, Harmon Ephron, Karen Horney, Sara Kelman, Bernard Robbins e Clara Thompson mandaram uma carta de desligamento à Sociedade de Psicanálise de Nova Iorque. Contudo, o novo grupo criado por Horney não ficou livre de tensões, uma vez que a proposta de aceitar livremente ideias psicanalíticas não freudianas desencadeou disputas internas e divergências teóricas. Diante desse cenário, Thompson deixou a associação em 1943 e formou um novo instituto com Sullivan, Fromm e outros colegas: o *William Alanson White Institute*.

Thompson comprou uma casa em Provincetown, onde passava os verões com Henry Major. Durante muito tempo, ela parecia feliz: ensinava os alunos do instituto, atendia seus pacientes, desfrutava da companhia de seu parceiro e mantinha uma boa relação com a mãe. Em 1948, Major faleceu em decorrência de um câncer; ela nunca mais se recuperou do luto, apesar de seguir sua vida profissional de forma produtiva. Após a morte do pintor, ela cuidou de um sobrinho adotivo de Major como se fosse um filho, provendo-lhe auxílio financeiro. Em 1949, Sullivan morreu e Thompson sofreu mais uma grande perda.

Os anos seguintes foram marcados pelo crescimento profissional de Thompson. Em 1950, publicou o livro *Psychoanalysis: Evolution and Development*, uma coleção de palestras em que se propõe a contar a história da psicanálise, integrando as ideias de diversos psicanalistas, como Freud, Ferenczi, Adler, Jung, Reich, Horney, Sullivan, Fromm, dentre outros (D'Ercole, 2022b; Green, 1964). Em 1956, Thompson desenvolveu câncer de intestino a partir de um pólipó, cuja remoção cirúrgica permitiu seu breve retorno às atividades profissionais. Em 1958, teve herpes-zoster e enfrentou dores severas, não conseguindo manter sua rotina em Provincetown. No final do verão, ela percebeu um aumento em seu fígado, sendo diagnosticada com cirrose. Sua produção teórica foi interrompida por sua morte em 20 de dezembro de 1958.

2.2 BUDAPESTE E SUA RELAÇÃO COM FERENCZI

Uma etapa transformadora na vida de Clara Thompson foi sua análise com Ferenczi e a estadia em Budapeste. Seu primeiro contato com o psicanalista húngaro ocorreu quando este visitou os Estados Unidos, em setembro de 1926, para uma série de palestras que se estendeu até junho de 1927 (Gomes, 2024). Thompson assistiu a uma dessas apresentações e relatou em entrevista concedida a Kurt Eissler, em 1952:

(...) ele foi o primeiro analista que vi com quem pensei que poderia falar. De qualquer forma, eu não acho que poderia ter sido analisada de uma maneira mais

autoritária naquela época. Agora pode-se suportar qualquer coisa, penso eu. Eu acharia muito difícil. Também tenho uma grande necessidade de amor, acredito que não teria suportado a privação na análise ortodoxa (Eissler, 1952, p. 10, tradução Gomes, 2024).

Impossibilitada de ser atendida por Ferenczi em solo americano, e seguindo o conselho de Sullivan, a autora decidiu partir para Budapeste a fim de dar continuidade ao seu processo analítico. No entanto, por não dispor de condições econômicas de se manter por longos períodos na Europa, viajou durante os verões de 1928, 1929 e 1930 para ser analisada por Ferenczi. Em 1931, conseguiu se mudar para a Hungria e levou consigo alguns pacientes, podendo, assim, fixar residência no país. Thompson foi analisada por Ferenczi por dois anos contínuos, até o falecimento deste.

A imersão em Budapeste inaugurou um período de autodescoberta. O exame de sua trajetória indica que a experiência analítica atuou como o principal catalisador de sua escrita, já que a maioria de seus textos foi publicada após a morte de seu analista. Além disso, o momento em que Thompson desfrutou de Budapeste é comparado a um laboratório de psicanálise. Apesar de existir há algumas décadas, essa abordagem ainda era considerada um campo de estudos novo, em que a vida pessoal dos analistas e suas descobertas teóricas e profissionais se relacionavam de forma extensiva (Falzeder, 2019; D’Ercole, 2022a).

A análise com Ferenczi era marcada por uma mistura do profissional com o pessoal. Ele atendia diversos colegas de Thompson; entre eles, Elisabeth Severn, psicanalista americana com quem a autora possuía uma relação de inimizade (D’Ercole, 2022a), e Theodore Miller, parceiro romântico de Thompson, conhecido pelo pseudônimo “U” nos diários de Ferenczi (Shapiro, 1993; Ferenczi, 1988).

A repercussão da relação de Thompson com sua mãe foi um dos temas centrais abordados no tratamento com Ferenczi e também pontuado em uma entrevista concedida por ela em 1952 (D’Ercole, 2022a). Para compreendermos melhor quem foi Clara Thompson, torna-se indispensável explorar sua análise pessoal. Um dos momentos mais ilustrativos desse processo ocorreu quando, ao comentar com sua amiga Edith Jackson, analisanda de Freud, que podia beijar seu próprio analista quando desejasse, a autora protagonizou um evento que ajudou a abalar a relação entre Freud e Ferenczi. A partir do relato de Jackson, Freud escreveu uma carta repreendendo Ferenczi e criticando a transferência estabelecida entre o analista e sua paciente (Aron & Harris, 2010; D’Ercole, 2022a, 2024). Esse evento causou tensão na relação de Thompson

com seu analista. Ela queria que ele se impusesse contra Freud, já que o relacionava ao seu pai, que deveria se opor à sua mãe abusiva.

O diário clínico de Ferenczi é uma fonte rica, porém confusa, para a compreensão sobre quem foi Thompson (Ferenczi, 1988). Ela recebeu o pseudônimo de Dm., embora não tenha sido a única designada por essa sigla. Ferenczi misturava os relatos de Thompson com os de Severn, que também era conhecida como RN (D’Ercole, 2022a). Em seu diário, ele relata que a paciente Dm. havia sido abusada sexualmente pelo pai; no entanto, D’Ercole (2022a), ao escrever a biografia de Thompson, constata que esse abuso aparentemente não ocorreu, mas condiz com os relatos sobre Severn, que foi abusada pelo pai e era analisada no mesmo período que Thompson. Na realidade, a grande abusadora de Thompson era sua mãe, que, como apresentado anteriormente, era ríspida e podia ser agressiva.

Thompson (1934/1964) comenta que Ferenczi era conhecido como um terapeuta para casos difíceis, adotando uma abordagem mais relaxada, que valorizava a conexão humana e enfatizava a contratransferência. Ela afirma que, para o analista, a neurose dos pais é o que adoce as crianças e não existem crianças más, somente pais ruins. No entanto, Thompson reafirma que ele tendia a justificar suas contribuições teóricas originais a partir da teoria freudiana, sem admitir que nem sempre isso era possível. Quando Ferenczi retoma a questão do trauma, ele não se refere apenas ao sexual infantil, mas adiciona também o papel das atitudes dos pais para com as crianças, ou seja, a criação como fonte de adoecimento e trauma. Essa perspectiva clínica fundamentava a profunda admiração que Thompson sustentava pelo analista, com quem mantinha um vínculo amigável. Ela observa que Ferenczi nutria uma simpatia genuína por todo sofrimento humano e se negava a acreditar que algumas doenças mentais fossem incuráveis. Para ele, os analistas só não descobriram ainda o método de tratamento correto quando a cura não era alcançada.

A importância de Ferenczi para a carreira e a vida de Thompson é evidenciada pela sua produção teórica a partir de 1931, ano em que escreveu “Dutiful Child Resistance”, texto que dialoga com “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (Ferenczi, 1929/1992a) e com “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (Ferenczi, 1933/1992b). Thompson ilustra, por meio de dois casos clínicos, o conceito de criança mal acolhida desenvolvido por Ferenczi em 1929: “crianças que registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se desde então quebrada” (Ferenczi, 1929/1992a). Ao analisar casos de neurose incapacitante, Thompson percebe que ambos os

pacientes possuíam características similares: vinham de famílias grandes, nas quais as mães não conseguiam dar a atenção devida aos filhos e os pais eram ríspidos. No entanto, apesar de frias, as mães eram justas; tal configuração gerou adultos obedientes que não davam trabalho para não incomodar. Eles tinham a impressão de que eram amados pela mãe, embora guardassem medo do pai. Uma das pacientes relatou que a mãe tinha que dividir o amor entre ela e os irmãos e, por esse motivo, não sobrava muito para si. Assim, o problema da impossibilidade de investimento amoroso, como fundamento do adoecimento, encontra-se presente no texto inaugural de Thompson, confirmando a hipótese ferencziana (Ferenczi, 1929/1992a; Gomes, 2024).

Durante a análise, os pacientes cooperavam e o tratamento parecia caminhar bem, porém sem melhoras significativas; eles agiam como se a analista não existisse, não se queixando de seus atrasos e erros. A paciente mulher chegou a verbalizar que não seria tola a ponto de esperar que Thompson tivesse algum interesse especial por ela (Gomes, 2024). A partir dessa constatação, Thompson começou a empregar técnicas ferenczianas, como o método do relaxamento e a neocatarse. Ela percebeu que, se utilizasse a postura usual dos analistas, de ser imparcial e mais fria, facilitaria a reprodução das relações que os pacientes tinham com as mães. Dessa maneira, de acordo com as ideias de Ferenczi, a analista precisou “adotar” os pacientes, criando um ambiente amoroso para que eles tivessem a experiência do amor infantil. Além disso, era importante demonstrar interesse na vida dos pacientes, porém manejando a contratransferência.

Após a morte de seu analista, Thompson escreveu três textos que elegem Ferenczi como tema principal: o necrológio *Sándor Ferenczi, 1873-1933* (Thompson, 1934); *Ferenczi's Contribution to Psychoanalysis* (Thompson, 1944); e o artigo publicado postumamente por Green, em 1964, *Ferenczi's Relaxation Method* (Thompson, 1964e). Além dessas produções, a autora concedeu uma entrevista emocionante a Eissler, em 1952 (D'Ercole, 2022a), na qual relatou, em primeira pessoa, diversas experiências vividas com o psicanalista.

Thompson inicia o texto *Sándor Ferenczi, 1873-1933* (Thompson, 1934), elogiando o homem que ele era e valorizando a inteligência, a imaginação e a curiosidade científica do psicanalista, além de ressaltar sua simplicidade, humildade e gentileza. Ela descreve como se tornar seguidor de Freud foi importante para a vida de Ferenczi, uma vez que o encontro com a psicanálise se tornou um campo fértil para que ele tentasse entender e curar as pessoas.

Em *Ferenczi's Contribution to Psychoanalysis*, Thompson (1944/1964) aponta que o analista tinha dificuldade de se desvincular de Freud, sempre justificando suas propostas e

indicando que este as postulava primeiro, mesmo quando isso não correspondia à realidade. A autora divide a obra de seu mentor em dois períodos distintos de produção: a técnica ativa e a terapia do relaxamento, argumentando, ainda, que Ferenczi tendia a levar os conceitos freudianos ao extremo.

Nesse mesmo escrito, a autora sustenta que o método de relaxamento foi uma descoberta original de Ferenczi, a qual permitiu perceber que muitos traumas infantis partem dos pais e nem sempre são de ordem sexual. A autora comenta que a privação de afeto foi um aspecto central na teorização do analista, que considerava o amor tão vital para o crescimento saudável de uma criança quanto o próprio alimento. Por esse motivo, o clínico deveria acolher o analisando e sua criança interna, oferecendo toda a carga afetiva que o sujeito desejasse. Esse é o ponto do qual Thompson discorda parcialmente: ela considera que há uma distinção clara entre o amor que o paciente demanda e o que ele efetivamente necessita. De forma geral, a autora sustenta que as concepções mais autênticas de Ferenczi se revelaram nos últimos sete anos de sua vida, ainda que o acesso real a esse pensamento tenha ficado restrito aos seus pupilos.

No texto *Ferenczi's Relaxation Method* (Thompson, 1964), a autora reflete sobre a técnica de relaxamento de Ferenczi e ilustra seu argumento com o caso de uma analisanda que a beijou repetidas vezes na tentativa de provar que seu próprio corpo não era repulsivo, além de buscar sinais claros de afeto por parte da terapeuta. Diante disso, Thompson questiona se o desfecho dinâmico seria o mesmo caso o profissional fosse um analista homem.

De maneira geral, o relacionamento com Ferenczi influenciou extensivamente a obra de Thompson, moldando sua prática clínica, sua concepção da dinâmica transferencial e a centralidade que atribuía às relações interpessoais. Logo, evidencia-se que as vivências com seu analista serviram de alicerce para o desenvolvimento de seu pensamento teórico, o que se manifesta de forma pioneira no artigo *Dutiful Child Resistance* (1931/1964), bem como em seus escritos subsequentes.

3 IDENTIFICAÇÃO E IMITAÇÃO

Como mencionado anteriormente, Thompson é conhecida como uma psicanalista interpessoal. Stern (2017) esclarece que a psicanálise interpessoal só ganhou esse nome a partir da publicação do livro *Interpersonal Psychoanalysis: papers of Clara M. Thompson* (Green, 1964), em que o termo “*Interpersonal Psychoanalysis*” aparece no título proposto por Maurice Green. Previamente, a psicanálise interpessoal era conhecida como “psicanálise das relações interpessoais” (termo utilizado por Sullivan) ou psicanálise cultural.

Segundo Gomes (2024), o impulso para a psicanálise interpessoal teve sua origem no processo de internacionalização da psicanálise, com a chegada de diversos psicanalistas europeus aos Estados Unidos na década de 1930. No entanto, foi Harry Stack Sullivan o principal responsável pela implementação dessa nova escola nos EUA, tendo sido influenciado por ideias ferenczianas antes mesmo de Thompson. A partir desse cenário, evidencia-se que a emergência do pensamento cultural-interpessoal veio como resposta ao freudismo ortodoxo presente em algumas instituições psicanalíticas americanas. Os autores dessa vertente, como Thompson, Sullivan e Horney, tinham como característica um foco maior na cultura, deixando as pulsões freudianas em segundo plano e questionando, às vezes de maneira enfática, a teoria freudiana.

No livro *Psychoanalysis: Evolution and Development* (1950), é possível observar que Thompson questiona as ideias freudianas. Na maioria dos capítulos, ela explica o que Freud teorizava sobre determinado assunto e, em seguida, faz uma crítica elogiosa, porém indaga se alguns pressupostos ainda seriam verdadeiros na sociedade estadunidense em meados do século XX.

Um dos principais temas questionados por Thompson em sua obra é a feminilidade. Apesar de ter textos dedicados a esse assunto, torna-se importante analisar os artigos voltados a outros temas com o intuito de observar como o pensamento da autora evoluiu e compreender seus pressupostos teóricos e suas concepções sobre a sexualidade.

Clara Thompson não foi uma das autoras mais estudadas do século passado e suas ideias muitas vezes foram vinculadas a outros teóricos, não tendo recebido o devido reconhecimento. Sua proximidade com Sullivan, Horney e Ferenczi fez com que ela escrevesse diversos artigos

relacionando de maneira clara ideias de seus contemporâneos. Em 1964, Maurice Green publicou o livro *Interpersonal Psychoanalysis: papers of Clara M. Thompson*, uma coletânea que contém a maior parte dos textos de Thompson, além de um capítulo biográfico extenso. O editor dividiu as obras de Thompson, entre 1930 e 1958, em quatro temas principais: trabalhos relacionados a conceitos que estavam mudando na psicanálise, problemas clínicos, escritos dedicados a colegas e textos sobre a psicologia feminina. Essa última categoria também inclui o livro incompleto de Thompson sobre o desenvolvimento feminino.

Neste capítulo, serão analisados dois textos não relacionados diretamente à feminilidade: *Analytic Observations during the Course of Manic-Depressive Psychosis* (Thompson, 1930/1964b) e *Identification with the Enemy and Loss of the Sense of Self* (Thompson, 1940/1964j). Uma apresentação dessas obras será realizada com o objetivo de esclarecer como Thompson pensava a identificação e a imitação nos casos clínicos descritos.

3.1 O CASO DE MARIAN

O texto *Analytic Observations during the Course of Manic-Depressive Psychosis* (Thompson, 1930/1964) é um artigo interessante para a análise das ideias embrionárias de Thompson. Nesse texto, ela discute um caso clínico de psicose maníaco-depressiva, o caso de Marian, uma paciente analisada por um período de três anos e meio, com algumas interrupções. Conforme o relato, Marian foi criada por dois pais psicóticos, o que moldou seu superego, não sendo surpreendente o surgimento de sintomas psicóticos. Thompson também esclarece que as gerações anteriores da família paterna e materna não possuíam histórico de doenças mentais, detalhe que permite perceber como o ambiente em que a criança se desenvolve poderia ser mais importante do que uma predisposição genética.

Em relação aos pais da paciente, Thompson (1930/1964) aponta que o pai de Marian era crítico e depressivo, exigindo que a filha sempre gerasse a melhor impressão possível. Além disso, a depressão do genitor gerava vergonha na paciente. Já a mãe da menina apresentava um quadro patológico mais grave. Após o nascimento de Marian, ela entrou em um estado depressivo, similar à categoria contemporânea de depressão pós-parto, negligenciando a casa e a família por pelo menos um ano, o que fez com que Marian tivesse um atraso no seu desenvolvimento, demorando para desmamar e andar. Outrossim, como apontado no texto *Identification with the enemy and loss*

of the sense of self (Thompson, 1940/1964), a mãe atentou contra sua própria vida e contra a de Marian quando a menina tinha cinco anos. Thompson (1930/1964) explica que, com essa configuração familiar, o começo da infância da paciente foi marcado por uma falta de amor de ambos os genitores, porém o pai conseguia lhe dar um pouco mais de atenção, o que gerou um Complexo de Édipo forte e precoce.

Thompson (1930/1964) relata que, após o nascimento da irmã, Sylvia, a mãe de Marian passou por um período de excitação em que ficou hipersexualizada. Ela falava de sexo com as crianças, achava que todos os homens estavam tentando seduzi-la, e advertia as filhas contra se tornarem prostitutas ou loucas, afirmando que seu próprio destino seria a prostituição ou a loucura. No decorrer do percurso analítico de Marian, é evidente o impacto que as palavras da mãe causaram na menina e a associação entre sexualidade e um aspecto negativo instaurou-se.

Quando Marian tinha onze anos, sua mãe foi internada e ela assumiu as funções domésticas, tornando-se a “mãe” na configuração do lar. A paciente relata que foi feliz durante esse período, no entanto, essa felicidade era acompanhada por uma vergonha em decorrência do quadro psíquico da mãe. Ademais, Thompson afirma que o sentimento de culpa também existia. Quando a mãe retornou, acusou Marian de ter se relacionado sexualmente com o pai e de estar grávida dele, o que escancarou os desejos secretos da menina em relação ao genitor, tendo em vista a descrição do complexo de Édipo realizada por Freud.

De acordo com Thompson (1930/1964), a acusação materna, somada à puberdade, gerou a inibição do interesse sexual da menina e o receio de que o contato com o outro assumisse um caráter sexual. É possível inferir que os sintomas da paciente expressam uma identificação direta com o sintoma materno de hipersexualização. O medo de tudo ser sexual gerava a sexualização de tudo.

Em 1930, Thompson ainda não distinguia claramente o que seria a identificação e a imitação, mas, quando menciona a imitação, é sempre ligada a uma ideia de fingimento ou consciência, como pode ser observado no trecho: “A identificação não foi completa. Ela não pensava ser aquelas pessoas, mas só as imitava. Ela sentia que deveria viver imitando a todos” (Thompson, 1930, p. 159, tradução própria). A referência a uma identificação incompleta permite inferir que, para Thompson, a imitação estaria no início do processo de alguns tipos de identificação, melhor explicados no texto de 1940. No entanto, ao analisar a identificação de Marian com os sintomas sexuais da mãe, não é possível enxergar uma imitação inicial. Quando Thompson menciona a identificação em 1930, ela ainda parece compreender esse fenômeno da

mesma forma como ele vinha sendo concebido na psicanálise. Laplanche e Pontalis sintetizam esse conceito da seguinte forma:

Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (Laplanche & Pontalis, 2001, p.226)

Apesar de sintomas similares aos da mãe, Thompson afirma que o comportamento de Marian assemelhava-se mais ao do pai, pela autocobrança e letargia. Já o comportamento de sua irmã mais nova, Sylvia, aproximava-se do da mãe, de forma que ela se tornou a favorita do pai, já que remetia a seu objeto de desejo, a mãe. Desse modo, Marian desenvolveu uma inveja intensa da irmã, o qual persistia até o momento do tratamento. Além da inveja, Thompson esclarece que um modo que Marian encontrou para lidar com esse afeto foi a identificação com o pai. Ela acreditava que a irmã a superaria, justamente por ser protegida pela paciente, o que gerava sentimentos conflitantes de admiração e inveja, os quais ficaram evidentes quando Sylvia desenvolveu uma psicose maníaco-depressiva aos dezessete anos (Thompson, 1930/1964).

Quando a paciente tinha catorze anos, o ambiente familiar se desfez por completo. Sua mãe foi internada, o pai foi viajar, e ela e Sylvia foram colocadas em escolas. Nesse período, Marian começou a ter mais contatos normais, mas não se beneficiou muito dessas interações, já que todos lhe pareciam forçados e estranhos (Thompson, 1930/1964).

Devido à pressão paterna na infância, Marian era ansiosa em relação aos estudos, mas ia muito bem e entrou na faculdade aos dezessete anos. Durante a universidade, ela começou uma amizade com Olga. Thompson (1930/1964) relata que Olga era de uma classe social menos favorecida, o que tranquilizava Marian, já que seus sentimentos de inferioridade se apaziguavam. A proximidade entre as duas foi aumentando e, durante uma noite em que passaram juntas, a mãe de Marian se suicidou. Essa coincidência não passou despercebida por ela, que prontamente colocou Olga no lugar da genitora, o que a acalmou um pouco. No entanto, devido à condição social de Olga, o sentimento de vergonha que a paciente nutria pela mãe foi reforçado. É importante pontuar que Thompson observa que a morte da mãe, inicialmente, não teve um impacto significativo aparente sobre Marian. A proximidade com Olga foi considerada uma das fases mais felizes de sua vida.

Após um período, as garotas começaram a dividir um quarto e o costume de se beijarem apaixonadamente iniciou-se. Thompson aponta como é clara a posição na qual a paciente colocou

a amiga, sendo a repetição de sentimentos dúbios direcionados à mãe, a vergonha e o amor os mais destacados. Em decorrência dos beijos, Marian acordava enjoada, o que permite observar que a ligação com sua sexualidade tornou-se manifesta novamente. Seguindo esse episódio, a preocupação da paciente com os estudos aumentou e dúvidas sobre si mesma escalonaram, de forma que se sentia julgada por todos. Sua relação com a fala também foi afetada. Quando estava em ambientes com muitas pessoas falando, ela se sentia inferior. De acordo com Thompson (1930/1964), as palavras eram símbolos da libido de Marian e, com elas, se conectava com o mundo; dessa maneira, a perda do domínio da linguagem simbolizava a perda de sua libido.

A escolha das palavras como esse símbolo não foi arbitrária, mas multifatorial. Como Olga era ótima com a linguagem, as cartas de amor escritas por ela perdiam o valor para Marian. O estado mental da paciente começou a piorar cada vez mais, o que gerou sua internação. Foi nesse momento que ela entrou em contato com a analista pela primeira vez e teve início o tratamento psicanalítico. Thompson (1930/1964) aponta que Marian acreditava que, se encontrasse a expressão ou a palavra ideal, poderia melhorar seu estado mental. A fantasia de que o encontro da palavra certa resultaria em sua melhora não se sustentava. É possível inferir que a tentativa de encontrar uma palavra certa demonstrava a necessidade de imitar Olga e a crença de que, se conseguisse se expressar como a amiga, melhoraria.

Durante a primeira fase do tratamento, a autora percebeu que Marian sentiu um alívio, apesar de ainda ter algumas dificuldades na fala. Thompson aponta que seu comportamento era muito parecido com o da mãe, pois a paciente apresentava inúmeros pensamentos sexuais; tudo era sexual para ela, algo que remetia aos avisos da mãe. A analista conclui que a dificuldade na fala de Marian tinha origem na sexualização das palavras. Tudo, para a paciente, tinha duplo sentido; portanto, ela deveria vigiar tudo o que falava, o que impedia um discurso coerente e coeso. Thompson ilustra esse mecanismo com um exemplo relatado pela paciente com um jogo de palavras envolvendo o termo final de semana. A tradução de “finais de semana” para o inglês é “*weekends*”, cuja pronúncia é praticamente idêntica à das palavras “*weak*” e “*end*” que, em uma tradução literal, significam “finais ou extremidades fracas”. O sentido sexual atribuído pela paciente à expressão era o de um hímen fraco ou rompido.

Ao começar a análise, Marian obteve um alívio momentâneo da angústia. Thompson aponta que isso ocorreu porque a paciente realizou uma substituição passageira de seu superego por um similar ao da analista, de forma que tudo poderia ser dito sem culpa ou vergonha (Thompson,

1930/1964). Como apresentado nos tópicos anteriores, Thompson era uma mulher liberal para sua época e pode-se supor que apresentava um imperativo moral mais brando em relação às questões sexuais que tanto perturbavam a paciente. Essa identificação com a analista, melhor explicada posteriormente no texto de 1940, fez com que Marian passasse de um estado de depressão para um de mania, em que tudo era permitido; logo, fantasias sexuais e masturbação eram aceitas.

Durante o período de mania, a paciente abandonou a análise. Ela estava experienciando uma felicidade e falta de limites desconhecidos até o momento e criando uma fachada para não lidar com seus reais problemas, principalmente com seu desejo por Olga. Como mencionado anteriormente, a substituição do superego era somente passageira. O superego original não fora realmente modificado. Considerando o pressuposto de que a imitação está no início do processo de alguns tipos de identificação, Marian estava imitando sua analista e não se identificando necessariamente com ela. Em *Identification with the enemy and the loss of the sense of self* (1940/1964), Thompson aponta que, apesar de diferentes, a identificação e imitação não apresentam limites claros entre si. No entanto, é importante observar que, no texto de 1930, Thompson ainda não havia definido claramente se a imitação é um processo inconsciente ou consciente, algo explicitado em 1940. Àquela altura, a autora não parecia divergir da concepção psicanalítica convencional da identificação como processo inconsciente.

A fase de mania de Marian acabou assim que ela e Olga começaram a ter de fato relações homossexuais. Ela, então, entrou em depressão novamente e voltou à análise, dessa vez, não institucionalizada. As masturbações e interesses sexuais conscientes cessaram e ela não mencionou Olga na análise por três meses; no entanto, tudo voltou a ter uma conotação sexual, de forma dolorosa e cheia de culpa. Finalmente, de um período testando Thompson com fantasias de incesto e masturbação envolvendo o pai, ela mencionou o episódio com Olga, sem nenhuma emoção, de maneira casual. Ela disse que, logo depois, sonhou que a analista lhe injetava algo, demonstrando, para Thompson, a transferência entre elas (Thompson, 1930).

Apesar de seus sonhos estarem repletos de fantasias sexuais com Olga e Sylvia, na vida consciente, Marian começou a trabalhar com homens mais novos, que ela considerava menos capacitados, o que a distraiu e a levou a ter encontros heterossexuais mínimos. No entanto, essa era uma maneira de lidar com a transferência com Thompson, agradando-a ao ser “normal” e enchendo as sessões de falas sobre esses homens. Em seu primeiro surto maníaco, Marian se considerava totalmente curada, fugindo da análise e se identificando com a analista. No segundo período de

mania, ela também se considerava curada, mas, em vez de deixar o tratamento, quis continuar, mantendo a analista como objeto de desejo, substituta da mãe, porém diferente desta, compreensiva e indulgente. Em seus episódios de mania, conscientemente, ela se sentia muito eufórica e não tinha interesse nenhum em perturbar esse momento, porém, inconscientemente, era atormentada pela morte da mãe, pelo “assassinato da mãe”.

Seu sucesso na esfera sexual não era tão grande, apesar das várias horas contando sobre suas fantasias com rapazes. Em certo momento, ela sonhou que estava deprimida novamente e voltou a ter contato e relação com Olga e, gradualmente, retornou a um estado depressivo. Ela, então, foi forçada a aceitar que não tinha sucesso na esfera heterossexual e estava diante de suas tendências homossexuais, o que novamente produziu uma depressão por ódio próprio. Concomitantemente, Sylvia teve sua primeira crise psicótica, o que levou Marian a intensificar sua depressão. Thompson percebe que Marian sempre entra em seus momentos de mania ou depressão quando quer fugir de um assunto; porém, a depressão parece ter uma resistência mais fraca do que a mania.

No entanto, pela primeira vez, Marian contou suas questões amorosas e homossexuais na análise, de forma a colocar a analista em um lugar de mãe desaprovadora. Segundo Thompson (1930/1964), a psicose de Sylvia expôs os conflitos de culpa que Marian sentia em relação à irmã. Olga e Sylvia eram muito próximas na visão de Marian. Apesar de não se lembrar de ter tido práticas incestuosas com a irmã, ela lembrava de ter ensinado Sylvia a se masturbar. Ela também se lembrava de um sentimento de culpa quando a irmã teve coreia³, sentimento provavelmente ligado a algum desejo sexual agressivo. Marian se sentia culpada pelo surto da irmã e, conscientemente, com as duas mentalmente instáveis, isso provava que elas não eram aptas para viver em sociedade e deveriam ser internadas.

Durante o período da depressão, o apetite de Marian aumentava muito, tendo muito prazer ao comer; todavia, ela falava constantemente de sua fantasia em cometer suicídio por inanição e se incomodava por não conseguir fazer isso. Marian reconhecia que comer era um modo de canibalizar as pessoas que odiava. Suas fantasias de suicídio eram a forma que ela tinha de transformar ódio em ódio próprio. Seus sintomas também provocavam a analista com sua

³ A coreia é caracterizada por movimentos corporais involuntários, rápidos e arrítmicos. Quando associada à Doença de Huntington, é comum o desenvolvimento concomitante de sintomas psíquicos como a depressão, a apatia, a irritabilidade e a psicose, os quais frequentemente precedem o diagnóstico clínico dos distúrbios motores. Para uma análise detalhada desses transtornos de humor (Machado et. al, 2019)

incurabilidade. Durante esse período do tratamento, a paciente apresentava uma tendência de replicar de forma ecológica as palavras de Thompson, reclamando que a analista não a ajudava; porém, ela sempre teve uma relação complexa com as palavras e as repetia também como forma de conforto. Thompson aponta que “enquanto negava a utilidade da análise e odiava aparentemente a analista, ela estava, na verdade, sentindo o contrário, e o exagero da sua dúvida era talvez para se fortalecer contra reconhecer a transferência” (Thompson, 1930, p. 158, tradução própria).

Em determinado ponto do seu tratamento analítico, Thompson precisou pausar a análise de Marian, justamente para viajar para Budapeste e ser atendida por Ferenczi. Ao saber da notícia, a paciente chegou a duas conclusões: ou a analista não acreditava na severidade de sua doença, ou havia perdido as esperanças em sua cura. Por isso, faltou à análise por um mês como forma de punição da analista e tentou se curar antes da viagem acontecer. Ela voltou a frequentar as sessões para garantir que conseguiria viver sem Thompson e mostrar a ela que retornou à análise apenas para provar que a analista era supérflua. No próximo encontro, era aparente que outro período de mania estava por vir, com a intenção de melhora e de constatar que Thompson era uma boa médica. Seu episódio de mania se tornou mais forte com o passar das sessões e ela começou a não se controlar, acreditando que precisava imitar as outras pessoas para ficar bem, incluindo a analista e Olga. Marian foi internada por um curto período e depois voltou ao trabalho ainda em mania e permaneceu assim durante a ausência de Thompson.

A partir do caso apresentado por Thompson (1930/1964), pode-se observar que a sexualidade de Marian tinha um efeito direto em seus momentos de mania e depressão. Todas as fases de depressão apresentadas pela paciente eram antecedidas por encontros sexuais, majoritariamente com Olga. Thompson afirma que não é clara a ligação da homossexualidade com os períodos de depressão. No entanto, a autora observa que o encontro com um objeto de desejo ausente em seu desenvolvimento gerava sentimentos de ódio em Marian, que os projetava inconscientemente em seus objetos de desejo. De acordo com Thompson (1930/1964), a paciente queria matar Olga, sua irmã, sua mãe e, no futuro, sua analista. Ela ainda teoriza que episódios de mania podem ocorrer como resultado de uma identificação com esses pais odiados, reproduzindo seus comportamentos de forma exagerada e com desdém. No exemplo de Marian, a identificação com a analista e a repetição de seus comportamentos demonstra muito bem essa ideia apresentada pela autora.

3.2 IDENTIFICAÇÃO ACRÍTICA E IMITAÇÃO CONSCIENTE

Em 1940, no texto *Identification with the enemy and the loss of the sense of self*, Thompson menciona o conceito de identificação com o agressor apresentado por Anna Freud em *O ego e os mecanismos de defesa* (1936/2006). Nota-se que Thompson não faz menção ao texto sobre a confusão de línguas de Ferenczi (1933/1992b), no qual a identificação com o agressor aparece, quatro anos antes da publicação do texto de Anna Freud, como um dos temas centrais. Devido à proximidade de Thompson com Ferenczi, é improvável que ela não o tivesse lido.

Nesse caso, a criança se identifica com o agressor como um mecanismo de defesa do ego, sentindo-se tão poderosa quanto essa figura de autoridade. No entanto, de acordo com Thompson (1940/1964), a filha de Freud não aponta o que ocorre quando essa identificação se estende por um longo período. Thompson teoriza que, como essa identificação surge a partir do medo, a criança desiste de seus interesses, introjetando a ideologia e os interesses da autoridade, não por admiração, mas sim como um mecanismo de proteção. Thompson denomina essa tendência como identificação com o inimigo. Ela explica que se esse processo persistir na vida adulta, pode se tornar a única forma que essas pessoas possuem para criar relações, identificando-se com novas forças hostis e não estabelecendo um conceito de si mesmo.

Para defender sua hipótese de que a identificação com o inimigo se relaciona diretamente com a perda de si, Thompson (1940/1964) inicia apresentando uma distinção entre os conceitos de imitação e identificação. Logo, uma década após a publicação de sua análise sobre o caso de bipolaridade de Marian (Thompson, 1930/1964), ela define de maneira um pouco mais explícita a diferença entre esses dois mecanismos. Embora sustente que ambos estão relacionados, a identificação seria em sua maior parte inconsciente e a imitação consciente. É importante frisar que Thompson não esclarece o motivo de não ter definido a identificação como algo puramente inconsciente, mantendo a hipótese de que ela é majoritariamente inconsciente, mas não totalmente. Não obstante, Thompson deixa espaço, em 1940, para a possibilidade de uma identificação consciente ou ao menos parcialmente consciente.

No decorrer do texto, ela utiliza duas formas de exemplos para apontar como funcionam esses mecanismos. A primeira é uma análise do que acontece com as pessoas em um contexto cultural e a outra são os exemplos clínicos, incluindo o apresentado no texto de 1930. Como exemplo cultural, Thompson (1940/1964) aponta os regimes ditatoriais. A autora comenta que

algumas pessoas conseguem publicamente mostrar apoio e conformidade ao governo autoritário. No entanto, internamente, conseguem preservar suas verdadeiras opiniões sobre o governo. Pode-se observar que, nesses casos, há uma imitação em massa dos comportamentos esperados, de forma majoritariamente consciente. Por outro lado, existem aquelas pessoas que realmente introjetam e se identificam com o regime, perdendo o conceito de si. Nesse caso, pode-se inferir que a imitação ocorre como uma fase inicial da identificação, entretanto, ela não se mostra presente em todos os casos, principalmente quando observamos a identificação com o sintoma e não com o comportamento.

Além do exemplo cultural, Thompson utiliza seis casos clínicos para exemplificar a identificação com o inimigo, além de demonstrar como funciona a relação dessas pessoas com o analista. Os casos foram divididos em três casos de esquizofrênicos e três de esquizoides. Ao analisar a identificação nesses pacientes, pode-se observar que nem sempre existe uma imitação anterior, e sim uma identificação sem esse processo inicial. Todos os casos tinham em comum uma atitude de identificação acrítica, principalmente o dos pacientes psicóticos (Thompson, 1940/1964). É possível interpretar de duas maneiras a afirmação de que os pacientes possuíam uma identificação acrítica: a primeira é que ela está enfatizando que a identificação é um processo que acontece de maneira acrítica, de forma que essa é uma característica do processo de identificação no geral. No entanto, também é viável interpretar que, ao especificar que as identificações desses pacientes acontecem de maneira acrítica, ela está introduzindo a ideia peculiar de que podem existir identificações que passam por uma instância crítica, o que parece mais provável. Uma vez que ela afirmou anteriormente que a identificação não é totalmente consciente, talvez essa parte consciente, não explicitada com clareza pela autora, possa ser crítica.

O primeiro caso retomado por Thompson é o de Marian. A autora explica em uma nota de rodapé que, no texto de 1930, ela fora diagnosticada erroneamente como maníaco-depressiva, classificando-a agora, então, como esquizofrênica. Como apresentado anteriormente, a infância de Marian foi marcada pelo contato com os pais psicóticos que a criaram. Ela foi imersa em um ambiente marcado pelo terror e pela instabilidade. A identificação com o inimigo, ou seja, esses pais que eram hostis para com ela, pode ser observada em toda a análise de seu caso clínico. Fica evidente, em Thompson (1930/1964), a identificação de Marian com o pai, principalmente ao retomar a construção de um supereu tirânico que a cobrava em relação a tudo, tanto academicamente quanto em suas relações. A identificação com a mãe é observada nos sintomas da

paciente, a constante ênfase no sexo e no conteúdo sexual de tudo, que remete à hipersexualização da mãe e o medo do aspecto sexual apresentados no texto de 1930. A identificação com esses pais inimigos teve como consequência a construção de uma personalidade destrutiva. Thompson (1940/1964) arrisca dizer que com base nessas identificações a existência de um eu autônomo é impossibilitada.

Ao observar a identificação com a analista, pode-se ver a ligação entre a identificação e a imitação. Diferentemente do que havia dito no texto sobre bipolaridade (Thompson, 1930/1964), a autora define que a imitação acontecia de forma consciente. Retornando à ideia de que a imitação pode estar no início de um processo de identificação, é possível inferir que talvez a parte mais crítica da identificação seja a imitação inicial. Durante o processo de análise, a analisanda costumava repetir durante um período de forma caricata o que a analista falava, imitando-a, porém, durante a primeira mania apresentava, mesmo que temporariamente, uma identificação com o superego da analista. Thompson (1940/1964) observa que ela serviu como uma identificação boa inicialmente, provendo à paciente um frágil senso de estrutura e segurança. No entanto, a paciente não apresentava capacidade de realmente integrar esses sentidos em sua personalidade, que continuava quebrada.

Na análise dos casos de personalidade esquizoide, Thompson (1940/1964) percebe que, como nos casos psicóticos, esses indivíduos esquizoides foram formados por uma influência avassaladora de um pai dominante e neurótico. Essa influência, exercida de maneira muito forte e precoce, a ponto de impossibilitar qualquer resistência, desviou o percurso dessas crianças de um desenvolvimento normal e fez com que elas ignorassem suas verdadeiras vontades e vivessem de um modo oposto a suas inclinações originais e necessidades. Thompson aponta que, como resposta a essa pressão, esses indivíduos começaram a se identificar com esse pai autoritário como meio de sobrevivência psíquica e de obtenção de segurança. O resultado foi uma subjugação total ou parcial de si, acompanhada por uma falta de ressentimento ou revolta conscientes direcionados aos opressores. Thompson já havia discorrido sobre essas crianças que tinham a necessidade de agradar os pais no seu texto *Dutiful Child Resistance* (1931/1964).

No texto de 1931, Thompson traz exemplos clínicos de crianças que tinham a ideia de que seus pais eram justos e se adaptavam para se tornarem crianças obedientes, já que, na realidade, os pais eram bastante tirânicos e frios. Essa configuração resultava em crianças passivas e pacientes

que não produziam muito em análise, muito similar aos casos que Ferenczi cita em seu texto “A criança mal acolhida” (1929/1992a). De acordo com Gomes (2024):

Thompson incorporou reflexões ferenczianas que abordavam a necessidade da implicação do analista como uma figura que, para além de interpretar o inconsciente de seu paciente, poderia, por meio de seu afeto e honestidade, impulsionar trabalhos analíticos que se encontravam estagnados, em 1938 ela foi além, ao relacionar a influência da personalidade do analista à possibilidade de sucesso ou fracasso de uma análise.(Gomes, 2024, p. 209)

Retornando ao texto de 1940, um dos pacientes com personalidade esquizoide apresentado por Thompson nesse texto foi chamado de A. Como resultado dessa submissão ao pai opressor, A se tornou uma pessoa agradável, porém sem autonomia. De acordo com Thompson (1940/1964), sua necessidade de aceitação e pertencimento era intensa a ponto de ele introjetar os traços de quem estivesse mais próximo dele. Essa adaptação fazia com que ele possuísse um charme superficial, mas sem profundidade. A analista nota que profissionalmente ele tinha uma posição inferior às suas capacidades e gravitava socialmente para construir relações com pessoas que reforçavam seu senso de inferioridade e dependência.

Um exemplo de identificação sem senso crítico apresentado por Thompson é quando o paciente A desenvolveu uma amizade significativa com um homem. Desde o início, o paciente sentiu-se atraído pela personalidade desse amigo, que era bastante confiante, direto e na totalidade uma figura masculina com autoconfiança. Ao perceber no outro características que não possuía, o contraste fez com que o admirasse e o invejasse. A aparência física do amigo também o impressionava, pois este exalava virilidade e potência sexual na visão do paciente, assim, de forma parcialmente inconsciente, ele colocou o amigo em um lugar de modelo, fazendo com que ele começasse a imitá-lo. Durante a amizade, o tópico da homossexualidade surgiu e foi discutido de maneira teórica. No entanto, o paciente falhou em perceber que as ideias discutidas tinham relevância na vida dos dois. Um dia, o paciente estava andando e percebeu que não estava andando como ele mesmo e sim como o amigo, de forma afeminada. Em análise, foi percebido que na realidade o amigo era homossexual, inclusive, os traços do amigo eram evidentes para todos, menos para o paciente A.

Thompson aponta que

Poderia, a um nível superficial, explicar o evento como uma projeção das tendências homossexuais reprimidas do paciente em seu amigo, seguida por uma reintrojeção desses mesmos impulsos. No entanto, tal explicação permanece incompleta, uma vez que o próprio significado de “pulsão homossexual” neste contexto psíquico particular exigiria uma elaboração teórica adicional (Thompson, 1940, p.146, tradução própria).

Nesse trecho, Thompson percebe que, apesar da possibilidade de uma explicação pautada na projeção e na introjeção de tendências homossexuais do paciente, não era possível afirmá-la no momento. Na realidade, poderia apenas ser afirmado que o amigo de A era evidentemente homossexual e que as barreiras egoicas do paciente, assim como seu eu, eram frágeis demais para lidar com a situação. Logo, o paciente começou a se assemelhar ao amigo por medo de seu ambiente e em decorrência de sua dependência, distanciando-se de uma identificação genuína.

No paciente A, sua personalidade fundamental permanecia obscurecida por uma camada de passividade e conformidade. Segundo Thompson (1940/1964), o paciente apresentava tão pouca orientação interna que ele não conseguia articular seus próprios desejos e convicções. O modo de vida de A consistia em se adaptar; ou seja, ele identificava-se com pessoas de maneira inconsciente e movia-se pelo mundo imitando-as, dessa forma, conseguia uma aceitação parcial que não lhe foi dada pela mãe (Thompson, 1940/1964). Na maior parte do tempo, Thompson afirma que A não reparava nessa imitação. Ele tinha consciência dela apenas em momentos nos quais imitava algo que contrariava valores seus não reconhecidos, ou que se chocava com a realidade social, gerando ansiedade, confusão ou uma perturbação transitória da identidade, como no episódio relacionado ao amigo homossexual. Em momentos de tal tensão psíquica, sua dependência tornava-se especialmente evidente. Ele não conseguia nem se afastar da pessoa percebida como ameaça, nem expressar o ressentimento e o desprezo que emergiam, pois sua sobrevivência emocional parecia depender da manutenção do vínculo. Dessa forma, ele copiava os comportamentos das pessoas sem assumir responsabilidade por eles, mesmo se não concordasse conscientemente com essas atitudes. Nesse ponto, observa-se um exemplo de imitação crítica, na qual o paciente, mesmo não conseguindo parar de repetir as ações, tinha consciência de que elas o desagradavam.

As atitudes do paciente A e de Marian possuem características muito interessantes, apesar de um caso ser relacionado à psicose e outro a uma personalidade esquizoide. Em ambos os casos, os pacientes não possuíam senso crítico em relação às suas imitações e identificações. No caso de Marian, até mesmo quando ela imita a analista, o faz de maneira jocosa na tentativa de se convencer que iria se curar. A partir da observação dos sintomas e comportamentos desses indivíduos, torna-se evidente a fragilidade inerente à estrutura dependente de personalidades desse tipo. Dada a natureza de sua vinculação com figuras parentais, Thompson (1940/1964) percebe que era necessária uma cautela da parte do analista em relação à transferência, pois os pacientes colocam

rapidamente o médico em lugar de ameaça ou perigo. Mesmo uma pergunta inocente e bem-intencionada, se formulada em momento desfavorável, pode ser vivenciada como intrusão severa ou ataque, desencadeando perturbações psíquicas desproporcionais. O paciente não consegue rejeitá-la nem se defender dela; simplesmente absorve seu impacto, frequentemente a um alto custo interno. Toda interpretação ou intervenção deve ser feita com extrema sensibilidade à possibilidade de provocar ansiedade intensa ou confusão. Sempre que surgir alguma perturbação no senso de realidade do paciente, a situação precisa ser imediatamente esclarecida e reparada para restaurar o seu senso de segurança e continuidade.

Nos exemplos acima, foi apontado como Thompson enxergava a identificação e a imitação. Em resumo, a imitação parece ter uma função coadjuvante na identificação. Contudo, os dois processos estão ligados de forma intrínseca, sendo assim, suas barreiras não são tão bem definidas. Um modo de enxergar a imitação é, como inferido a partir do texto sobre a bipolaridade (Thompson, 1930/1964), como um processo inicial na identificação. Com o texto *Identification with the Enemy and loss of the sense of self* (Thompson, 1940/1964), adicionamos a essa ideia o exemplo de moradores de países com regimes autoritários, nos quais a identificação com o regime parece ser precedida por uma imitação dos comportamentos esperados em resultado do medo. No entanto, nesse mesmo texto, Thompson define de maneira categórica que a imitação ocorre majoritariamente de forma consciente e a identificação, inconsciente. A autora inclusive afirma que, nos casos clínicos apresentados, ambas ocorrem de maneira acrítica. Com isso, ao analisar novamente o caso de Marian, a inferência de que na realidade a imitação ocorre como uma resposta consciente à identificação também se torna possível, já que, como apresentado por Thompson (1930/1964), quando Marian substitui temporariamente seu superego original em seu primeiro estado de mania por um similar ao de Thompson, gera uma mudança de comportamento na paciente, de forma que a identificação produz a imitação do comportamento da analista, mesmo que de forma exagerada. Quando analisamos seu segundo estado de mania, essa imitação parece voltar a antecipar a identificação, já que Marian a imita de maneira consciente na tentativa de se curar pela identificação. Além disso, quando consideramos a imitação como um processo inicial consciente, parece plausível afirmar que essa é a parte crítica da identificação que fica implícita no texto de 1940.

4 FEMINILIDADE

A discussão sobre a feminilidade ganha um contorno central na obra de Clara Thompson em 1941, com o texto *The role of women in this culture*. Evidencia-se, na exposição da autora, o objetivo de mapear as problemáticas culturais enfrentadas pelas mulheres estadunidenses, articulando como o avanço na conquista de direitos femininos repercutiu diretamente na estrutura psíquica dessa população.

Em sua introdução, a autora delimita o escopo de suas observações ao pontuar que não conseguiria englobar a experiência feminina como um todo:

Essas observações são limitadas, em primeiro lugar, pois por razões econômicas a psicanálise ainda não está disponível para classes mais baixas. Em segundo lugar, por questões emocionais, grupos com atitudes culturais reacionárias com pouca frequência se interessam pela psicanálise. Finalmente, indivíduos que levam vidas suficientemente satisfeitas não possuem o impulso de serem analisados. (Thompson, 1941, p.217, tradução própria)

Nesse trecho, a autora explicita as limitações que estariam presentes em toda a sua obra, além de apontar um limite da psicanálise em geral⁴, já que era um tratamento custoso e, muitas vezes, reservado a classes mais altas. Essa barreira socioeconômica reflete-se na própria trajetória da autora, que só conseguiu se manter no tratamento de forma contínua após economizar o suficiente para morar em Budapeste por dois anos.

Nesse texto, Thompson (1941/1964) inicia uma crítica à teoria freudiana que se manteve ao longo de todos os seus escritos sobre a feminilidade. Ao citar os Estudos sobre Histeria (Freud; Breuer, 1895/2016), Thompson afirma que a mulher europeia que estava sendo estudada por Freud é bem diferente da mulher americana do século XX. Ademais, ela percebe que, nos EUA, as mulheres alcançaram o momento de maior liberdade em um sistema patriarcal, porém, ainda se enquadravam num grupo minoritário. Todavia, as famílias, influenciadas pela cultura, ainda criavam suas filhas para que suas necessidades e habilidades fossem deixadas em segundo plano. Essa atitude criava mulheres com ressentimento direcionado aos homens, como se eles fossem os culpados diretos por isso. De acordo com Thompson (1941/1964), essas atitudes são os fatores mais importantes para a criação do sentimento de inferioridade em mulheres.

⁴ É importante frisar que algumas tentativas de democratização da psicanálise já existiam, como a Policlínica de Berlim (Nunes, 2020).

O fato de a mulher ser vista como uma propriedade do homem na sociedade patriarcal constitui um aspecto fundamental a ser considerado. Campos (2019) exemplifica essa dinâmica ao mencionar a Guerra de Troia:

afinal, não nos esqueçamos que a Guerra de Troia, ao menos na *Iliada* de Homero, foi deflagrada em razão do exercício desse direito por Menelau, na sua empresa sanguínea e singrada de reaver a sua mulher, Helena, que estaria injustamente sob a posse do troiano Páris (Campos, 2019, p. 2).

Nesse trecho, o fato narrado em um dos grandes poemas épicos da sociedade ocidental expõe a visão dos homens sobre as mulheres como propriedades que eles podem usar e, se forem “roubadas”, eles têm o direito de reaver. Além disso, Campos (2019) discute como a posse das mulheres, historicamente, está no cerne da identidade masculina e faz parte do patrimônio moral e real masculino, principalmente quando se relacionam eroticamente com eles. Essa dinâmica faz com que o destino da mulher esteja sempre atrelado à vontade de homens, retirando assim a liberdade feminina de escolha e agência. Dessa forma, as meninas eram criadas desde pequenas para se adequarem ao seu papel inferior e, como menciona Thompson, “enquanto as recompensas eram adequadas, as mulheres se mantinham relativamente satisfeitas” (Thompson, 1941, p. 218). A autora exemplifica que uma compensação suficiente para a mulher seria a segurança econômica e a criação dos filhos, já que uma mulher nessa situação conseguiria “colher os benefícios” de uma sociedade patriarcal. No entanto, essa configuração familiar começou a não funcionar tão bem. Thompson cita a seguinte consideração de Erich Fromm: “Quando um ganho positivo na cultura começa a ruir, a inquietação se instala até que uma nova satisfação seja encontrada” (Thompson, 1941, p. 218).

De acordo com May (2003), com a crise econômica que assolou os Estados Unidos na década de 1930, a responsabilidade do bem-estar da sociedade foi transferida da família para o Estado. Como consequência, os estadunidenses das classes médias começaram a compartilhar parcialmente as dificuldades das classes mais baixas, dos imigrantes e dos trabalhadores, e, com isso, a família nuclear americana começou a entrar em crise. As dificuldades econômicas fizeram com que famílias grandes não fossem mais desejadas e, com a automação dos processos domésticos, as mulheres não precisavam mais se dedicar tanto ao lar (Thompson, 1941/1964).

Contudo, como sempre enfatizado por Thompson, a vida da mulher estadunidense estava passando por um momento de mudança. Ela precisava conviver com ideias puritanas pautadas em ensinamentos do século anterior, que faziam com que a exploração sexual feminina se mantivesse

um tabu. No entanto, as mulheres não possuíam a mesma segurança garantida pelo casamento e pela formação de uma família. Dessa forma, elas começaram a não ter ocupações definidas e vidas emocionais suficientemente satisfatórias em seus lares, sendo preciso que elas encontrassem outra forma de satisfação.

Thompson (1941/1964) indica que uma das mudanças que aconteceu no curso da cultura estadunidense foi o avanço do conhecimento sobre métodos contraceptivos, o que possibilitou que a liberdade sexual feminina se aproximasse da liberdade masculina. Dessa forma, tanto mulheres casadas quanto solteiras conseguiam manter relações sexuais sem engravidar.⁵ Ademais, a autora aponta que o descontentamento feminino não começou no século XX, pois em meados do século anterior, já era possível ver mulheres descontentes com sua situação social. Um exemplo clássico são as irmãs Bronte, autoras bem-sucedidas que não se enquadravam nos papéis de gênero da época. Contudo, é no século XX que, apesar de resistências, as mulheres conseguiram adentrar quase todas as áreas da economia. A própria psicanálise foi uma área que incluiu a participação feminina desde cedo. Como apresentado por Naszkowska (2025), as mulheres, em sua maioria judias, se interessaram pela psicanálise no pré-guerra por ser um movimento político que oferecia um novo espaço para discutir ideias antes não abordadas pela sociedade de forma extensiva, principalmente sobre temas como a sexualidade e a emancipação feminina.

Nos EUA, temos como exemplo o caso de Thompson, que se tornou médica e psicanalista no início da década de 1920. Essas mudanças fizeram com que as mulheres entrassem num momento único na história. Thompson (1941/1964) comenta que o primeiro fato interessante é que as mulheres eram “novas” em suas profissões, ou seja, poucas tiveram mães ou avós que trabalhassem fora de casa. Dessa maneira, não tinham um modelo a seguir, de forma que muitas não obtiveram sucesso profissionalmente ou pretendiam trabalhar só até o casamento.

A segunda atitude apresentada por Thompson é que as mulheres precisavam aprender a lidar com os efeitos emocionais que a escolha de trabalhar causava nas pessoas mais queridas por elas, como seus pais, que as desencorajavam a fazer o que desejavam ou até mesmo não permitiam que elas seguissem seus desejos profissionais (Thompson, 1941/1964). A psicanalista cita como exemplo o caso de uma paciente que queria fazer medicina, mas os pais a convenceram a cursar

⁵ Na década de 1960, aproximadamente 20 anos após a publicação de “The role of women”, a pílula anticoncepcional entra no mercado estadunidense, gerando mais liberdade sexual ainda para as mulheres, que, como apontado por Hock (2008), garantia uma maior presença de mulheres no ensino superior.

enfermagem. Ela seguiu a vontade deles, para só depois estudar medicina, que era seu verdadeiro desejo. Thompson (1941/1964) lembra que grande parte dos ideais infantis são modelados a partir das atitudes dos pais e argumenta que, por esse motivo, a garota pode se sentir deficiente com as contradições presentes na construção de seu próprio ego. Portanto, a menina já chegava com uma desvantagem imensa no mercado de trabalho, devido às mensagens conflitantes entre a liberdade pregada socialmente e suas criações. Além disso, uma atitude positiva em relação ao trabalho poderia criar conflitos com futuros pretendentes, que também tiveram como parte de sua criação a visão de que as mulheres são suas propriedades.

Outro exemplo citado por Thompson é de uma mulher de criação conservadora no sul dos EUA, mas sua grande inteligência fez com que obtivesse ensino superior. No entanto,

Embora estivesse em uma posição na qual deveria ser uma líder com opiniões definidas e iniciativa para executá-las, ela estava constantemente se submetendo aos homens, buscando lisonjeá-los ao fazer o papel da frágil e dependente, aceitando seus conselhos mesmo quando pensava de forma diferente (Thompson, 1941, p. 221)

Segundo Thompson, essa mulher ainda apresentava, inconscientemente, o desejo de se casar, mas seu anseio consciente de ser uma mulher moderna a impedia. Assim, a situação em que ela se encontrava exemplificava as inconsistências presentes em seu conflito neurótico.

Os conflitos entre feminilidade e ambientes de poder já tinham sido exemplificados por Joan Riviere em *A feminilidade como uma máscara* (1929/2018). Nesse texto, a autora aponta que as mulheres que buscam a masculinidade muitas vezes colocam uma máscara de feminilidade para evitar a retaliação masculina. A ideia de Riviere sobre um tipo de feminilidade que é utilizada como um método de defesa contra uma sociedade patriarcal se encaixa de forma coesa no momento de transição apresentado por Thompson, já que a feminilidade “clássica” atribuída às americanas não era mais suficiente para que elas permanecessem satisfeitas. No entanto, elas ainda não estavam preparadas para abandonar, consciente ou inconscientemente, os papéis de gênero ensinados pelos seus pais.

Thompson (1941/1964) enfatiza que a vida da mulher casada não garantia as mesmas recompensas que nas décadas passadas, mostrando-se entediante. As mulheres ainda apresentavam algumas possibilidades de tentar se entreter no casamento, como fazer um “culto” de seus filhos ou dedicar-se a algum trabalho voluntário. Uma terceira opção era entrar no mercado de trabalho, o que estava se tornando a alternativa mais popular.

Thompson apresenta três categorias de mulheres americanas de sua época, sendo elas as que se casam e vivem de acordo com um padrão tradicional, mulheres que trabalham e não se casam e um grupo que se casa e continua trabalhando. Em uma nota de rodapé, a autora aponta que desconsidera mulheres que ainda se satisfazem nos modelos tradicionais de casamento em sua análise (Thompson, 1941/1964).

O primeiro grupo é formado por uma grande parcela da população e não necessariamente é um grupo não qualificado para o mercado de trabalho. Muitas dessas mulheres apresentam ensino superior, no entanto têm esperança de conseguir criar uma família e um casamento nos moldes antigos⁶. O culto à criança é uma consequência comum desses casos. Thompson (1941/1964) descreve o “culto” como uma preocupação exagerada com o bem-estar da criança, tentando aplicar o melhor da psicologia e da higiene na criação dos seus filhos, o que pode ser muito destrutivo para o desenvolvimento deles. Outro destino comum para elas é o ato de se infantilizar, colocando toda a responsabilidade de suprir suas necessidades neuróticas no marido, não sobrevivendo de forma funcional fora do casamento.

A segunda categoria apontada por Thompson (1941/1964) é composta por mulheres que trabalham e não se casam e é subdividida em dois tipos: mulheres que enxergam o emprego como tudo em suas existências e não possuem vidas amorosas, e mulheres que mantêm vidas amorosas apesar do trabalho. O primeiro subgrupo encontra uma liberdade econômica, mas não emocional, fechando-se para conexões amorosas e, muitas vezes, tendo uma vida isolada. O segundo subgrupo pode ter uma vida amorosa plural, sem as amarras oficiais do casamento. Elas enxergam o trabalho como o mais importante em suas trajetórias e se consideram livres, mesmo que talvez se envolvam emocionalmente de forma intensa (Thompson, 1941/1964). Um exemplo desse tipo de mulher é a própria Thompson, que nunca se casou, mas teve alguns parceiros durante a vida, mais notoriamente, Henry Major.

O terceiro e último grupo apresentado por Thompson (1941/1964) é o das mulheres que se casam e continuam trabalhando. Esse grupo é bastante plural e, em uma situação ideal, é composto por um casal que se interessa pelo trabalho mútuo e se alegra com o sucesso do parceiro e se alegra pelo sucesso alheio. Essa configuração é mais bem-sucedida, segundo Thompson, se eles trabalharem em ocupações diferentes.

⁶ O filme “O Sorriso de Mona Lisa” (2003) exemplifica de maneira clara a situação das mulheres americanas nos anos de 1950 que tinham esse objetivo.

Entretanto, Thompson (1941/1964) indica que muitas vezes o fato de a mulher trabalhar pode ferir a virilidade do marido, o que faz com que ele não a apoie, levando-a a abandonar o emprego sem possuir outra ocupação para se dedicar. Além disso, Thompson exemplifica que é possível, em algumas situações, que o marido se torne o cuidador da casa e a mulher mantenha financeiramente a família. Para isso, ela utiliza o caso de um casal cujo marido ficou inválido, o que fez com que a mulher voltasse a ser professora e mantivesse a casa. Apesar de a mulher ter se realizado muito mais no trabalho que outrora abandonara ao casar-se, a inversão de papéis só foi tolerada pelo casal devido à condição de invalidez do marido. Por questões estritamente econômicas, tornou-se imperativo que ela assumisse o papel de provedora do lar.

Além do casamento em si, Thompson menciona como era manejada a vontade de ter filhos presente na mulher. De acordo com a autora, a maternidade se torna uma escolha, diferentemente de uma época anterior em que a função da mulher se resumia à procriação. No entanto, não existia ainda uma solução geral para o sentimento de angústia feminino diante dessa nova possibilidade de escolha. Individualmente, as mulheres conseguiam ter filhos e continuar trabalhando, mas, no geral, ainda era necessário escolher um dos dois.

Além disso, a autora comenta que mesmo a mulher que, consciente ou inconscientemente, decidisse que não queria filhos, sofria por não admitir para si esse fato. Thompson afirma que a mulher “pode, assim, sentir que é seu dever provar sua adequação como mulher tendo um filho. Ela pode resistir e dedicar-se à sua carreira, mas isso a incomoda e a faz sentir-se inferior” (Thompson, 1941/1964, p. 224). Dessa forma, a autora explica que existia a ilusão de que crianças indesejadas eram menos comuns, mas, na verdade, por compulsão neurótica, mulheres geravam crianças que não conseguiam amar.

Após uma breve análise dos tipos de mulheres que estavam surgindo nos EUA, Thompson adentra a questão da sexualidade feminina. Para isso, a autora faz uma introdução de como as mulheres vitorianas enxergavam o tema e como isso mudou até as décadas de 1920 a 1940. As mulheres vitorianas analisadas por Freud na década de 1890 cresciam em uma ignorância aparente sobre a vida sexual e não podiam explorar seu próprio corpo. De acordo com Ilić (2025), na Era Vitoriana as mulheres não eram vistas como seres desejantes e, caso demonstrassem qualquer interesse na sexualidade, eram categorizadas como histéricas. Durante a puberdade, as meninas entravam em um mundo artificial de proibições; eram criadas para o casamento e a reprodução, porém, mesmo após o matrimônio, não podiam admitir que gostavam do sexo. A ficção da

castidade, pureza e inocência estava com dificuldade de ser mantida, e Thompson afirma que Freud teve um papel importante para a maior discussão sobre a sexualidade feminina (Thompson, 1941/1964).

No entanto, apesar de ainda tender a um viés mais conservador, a visão sobre a sexualidade feminina mudou, principalmente a partir da década de 1920 nos EUA. Uma paciente de Thompson relata que “os homens costumavam pensar que tinham que pagar uma mulher. Agora, descobriram que as garotas também gostam” (Thompson, 1941/1964, p. 225). Nesse cenário, até mesmo adolescentes em idade escolar expressavam o ímpeto de se rebelar sexualmente.

É importante frisar que a nova liberdade sexual não vinha sem um custo: a mulher precisava superar sua criação majoritariamente conservadora e obter o próprio consentimento para aproveitar suas relações, de maneira que, muitas vezes, o conflito interno se manifestava por meio da frigidez (Thompson, 1941/1964). A autora ressalta que essa liberdade acontecia, frequentemente, de forma secreta; embora Thompson aponte que a virgindade já não fosse uma exigência estrita para o casamento, ela ainda era socialmente esperada, de modo que os encontros sexuais femininos precisavam ser mantidos com total discrição.

No final do texto de 1941, Thompson comenta que, como em toda revolução cultural, são os membros mais “desajustados” da sociedade que a lideram, de forma que a emancipação feminina não é uma exceção. Além disso, inicia sua crítica à hipótese da inveja do pênis, argumentando que a mulher de sua época apresentava menos motivos para invejar o homem do que as mulheres analisadas por Freud.

Continuando sua crítica à inveja do pênis, Thompson escreve os artigos *Cultural Pressures in the Psychology of Women* (Thompson, 1942/1964) e *‘Penis Envy’ in Women* (Thompson, 1943/1964) nos quais aprofunda suas ideias sobre a sexualidade feminina e as problemáticas culturais que se misturavam com os fatores biológicos.

No texto de 1942, Thompson analisa culturalmente a visão freudiana do desenvolvimento feminino. A autora afirma que os problemas das mulheres e dos homens são diferentes já que eles são distintos biologicamente e a visão cultural que se tem sobre os dois também difere. Ela aponta que as funções reprodutivas femininas geram problemas nas vidas das mulheres. No entanto, o desconforto causado por essas funções nem sempre é de origem puramente biológica, mas, na maior parte das vezes, tem origem na atitude da sociedade para com elas (Thompson, 1942/1964). Na visão de Thompson, para Freud, as dificuldades biológicas femininas são tão intensas a ponto

de se tornarem responsáveis pelo desenvolvimento do sentimento de inferioridade feminina. Contudo, ela afirma que reconhecer que as mulheres passam dificuldades que os homens não passam, como as questões fisiológicas relacionadas à reprodução, em especial o parto e a menstruação, não é a mesma coisa que falar que elas são inferiores ao homem, como sugere Freud (Thompson, 1942/1964).

Para fazer seu contraponto, Thompson aborda a teoria freudiana sobre a inveja do pênis. Ela explica que, ao tentar mapear as especificidades do desenvolvimento feminino e masculino, Freud (1905/2016, 1931/2010) introduz a ideia de inveja do pênis, fenômeno que aflige as mulheres, fazendo com que elas se sintam inferiores ao perceber que não possuem o órgão masculino. Esse fenômeno acontece durante a fase fálica, momento no qual as meninas percebem que não possuem um pênis, o que as leva a questionar o motivo pelo qual não receberam o órgão da mãe. Essa descoberta faz com que a menina entre no complexo de Édipo com a castração já consumada e, com isso, não apresente o medo intenso da castração presente nos meninos. De maneira geral, Freud (1931/2010; 1933/2010), apoiado por Deutsch, diz que, para tornar-se uma mulher feminina, a menina deve deslocar o foco do clitóris, que serve como zona erógena na fase fálica, para a vagina, abandonando assim a masculinidade e abraçando a feminilidade.

Thompson (1942/1964) menciona que a centralidade do clitóris na fase fálica não parece absoluta. De acordo com ela, muitas mulheres não reconheciam o clitóris na vida adulta ou já reconheciam a vagina e o prazer vaginal desde a tenra idade. Além disso, a inveja do pênis, quando referente ao órgão sexual em si, não era observada na clínica na maioria dos casos.

Segundo a autora, Freud era um ótimo observador clínico; no entanto, é preciso considerar que sua teoria apresenta erros de interpretação. Thompson indica o texto *The Flight from Womanhood* (1926/1967), no qual Karen Horney afirma a existência de uma lacuna no conhecimento sobre a psicologia feminina. Nota-se que essa articulação entre Thompson e Horney torna-se central para compreender como a psicologia das mulheres foi considerada majoritariamente sob a perspectiva masculina.

Uma outra limitação freudiana foi o estudo de mulheres que pertenciam apenas à sua cultura, de maneira que todas tinham vivências e criações parecidas. Anteriormente, em 1941, Thompson aponta que a escrita sobre uma feminilidade geral e sobre os problemas das mulheres era difícil de ser feita, já que existia um grupo específico de mulheres que procuravam análise e outro que não tinha acesso ao tratamento. Talvez, a psicanálise de Thompson sofra de limitações semelhantes às

de Freud, porém ela é mais honesta em suas generalizações. Além disso, Thompson teoriza que alguns comportamentos que estão intrinsecamente ligados à feminilidade parecem ter origens biológicas; entretanto, nem tudo que se assemelha a um pressuposto biológico pode se resumir a ele (Thompson, 1942/1964). De acordo com ela, já era sabido que mulheres de diferentes culturas comportavam-se de forma distinta, evidenciando que Freud considerou “as atitudes, interesses e ambições das mulheres de classe média e alta que analisou eram as atitudes, interesses e ambições características das mulheres em geral” (Thompson, 1942/1964, p. 232).

Thompson (1942/1964) postula que até mesmo a atitude que a mulher assume em relação ao sexo é influenciada pela cultura, não apresentando uma explicação puramente biológica. Esse fato se exemplifica na assimetria do ato sexual entre o homem e a mulher, no qual o parceiro necessita da ereção para viabilizar o intercuro, enquanto a mulher consegue participar da relação mesmo sem experimentar prazer. Ao comentar essa dinâmica de desempenho, Thompson não cita Horney diretamente; no entanto, devido à proximidade teórica entre ambas, esta pesquisa constata uma convergência com o ensaio *The Dread of Woman* (Horney, 1932/1967). Nesse texto, Horney afirma ser possível observar, no homem adulto, uma angústia latente quanto à potência e ao tamanho do órgão, acentuada pela exigência cultural de provar sua masculinidade no coito. Em contrapartida, a mulher, mesmo quando acometida por frigidez, realiza seu papel biológico na relação e mantém a capacidade de conceber.

Essa contestação da biologia masculina introduzida por Thompson (1942/1964) recupera explicitamente uma crítica já apresentada por Horney em 1926. Ao resgatar os argumentos de *The Flight from Womanhood* (Horney, 1926/1967), a autora sustenta que a organização genital feminina não apresenta desvantagem anatômica, possuindo uma aptidão diferente, mas não inferior, para o coito. Sabendo que a função biológica do homem na reprodução é consideravelmente menor que a da mulher, Horney propõe que, para compensar o sentimento de desvantagem masculina diante da capacidade reprodutiva e do parto, os homens criaram culturalmente a convicção da inferioridade feminina, desenvolvendo tendências inconscientes poderosas para depreciar o sexo oposto e sustentar a ordem patriarcal.

Dessa maneira, Thompson (1942/1964) reitera que o sentimento de inadequação feminino possui raiz social, e não biológica. Em sociedades patriarcais, nas quais o fato de ser mulher é acompanhado por restrições severas, as funções biológicas apenas explicitam e justificam as assimetrias entre os sexos. A cultura estadunidense opera como um exemplo claro desse padrão.

Contudo, como sinalizado pela autora em seus escritos de 1941, as transformações socioeconômicas em curso impulsionam a insatisfação feminina em relação ao casamento tradicional, fazendo com que as mulheres busquem a gratificação por meio da liberdade no mercado de trabalho.

Diante desse cenário, Thompson (1942/1964) compreende a gênese das limitações teóricas de Freud, considerando que o criador da psicanálise partilhava da crença social na inferioridade da mulher e, conseqüentemente, direcionou suas formulações clínicas por um caminho androcêntrico. A autora explica que, em uma organização social na qual possuir um pênis assegura prerrogativas e vantagens cotidianas, as mulheres encontram-se constantemente em situações que geram inveja do poder retido pelo homem. Dessa forma, constata-se que a inveja do pênis constitui uma representação simbólica da cobiça feminina pelas vantagens sociais masculinas, e não um desejo pelo órgão anatômico em si.

Thompson relata que:

Uma consciência da vantagem de possuir um pênis pode estar vagamente presente na mente de uma menina aos três anos de idade, pois, já nessa fase, evidências de que o filho é mais privilegiado são aparentes em muitas famílias de classe média. Antes que se possa resolver a questão de se essa experiência precoce ocorre em termos de uma inveja real do pênis, ou se o menino é invejado de uma forma mais geral, deve-se observar que, até muito recentemente, a garota comum, ao atingir a puberdade, era levada a ter plena consciência das desvantagens de ser mulher (Thompson, 1942/1964, p. 234).

Sendo assim, mesmo a diferença clara, percebida na fase fálica pela menina, não é relacionada diretamente a fatores biológicos, e sim sociais. Thompson (1942/1964) aponta que na era vitoriana as meninas tinham uma liberdade similar à dos meninos; contudo, com a puberdade, as expectativas e restrições sociais mudavam radicalmente, e a menina parava de gozar da liberdade que outrora possuía. Thompson utiliza o exemplo de uma paciente que costumava acampar com o irmão até o início da adolescência, mas, ao chegar perto da menarca, foi proibida de continuar essa atividade. Desse modo, é compreensível que as mulheres atribuam suas desvantagens sociais às suas funções biológicas femininas, de modo a invejar o homem, já que a mulheridade começava com desprazer, vergonha do corpo, perda da liberdade, perda da pseudoigualdade com os meninos e perda do direito à agressividade.

Além disso, a cultura via a vida sexual feminina com negação (Meneon & Silva, 2015) e, apesar de mudanças terem acontecido entre as mulheres freudianas e as mulheres modernas, ainda existia um estigma de que a sexualidade feminina deveria ser mantida em segredo. O mesmo não

acontecia com os homens, que podiam explorar sua sexualidade, pelo menos em relação aos atos ligados à heterossexualidade, de maneira aparente e livre, enquanto uma gravidez fora do casamento comumente arruinava a reputação de uma mulher (Thompson, 1942/1964).

A autora aponta que, além da inveja da liberdade masculina para exploração sexual, a mulher tem motivos para invejar o homem na esfera intelectual. Ela afirma que as restrições sofridas na vida intelectual feminina resultam em uma falta de treinamento para as profissões, frustrando as mulheres. Além disso, devido ao desejo do homem de possuir, ela precisou aceitar sua posição econômica de dependência (Thompson, 1942/1964). Nota-se que Thompson, mais uma vez, destaca que a desvantagem feminina tem origem na criação e não é inata. A importância dada por ela ao modo como os pais criavam os filhos é vista desde seus primeiros textos, quando ela afirma que o superego psicótico de Marian é resultado de sua criação por pais psicóticos, e não de fatores genéticos (Thompson, 1930/1964).

Dessa maneira, com a exposição das atitudes culturais direcionadas às mulheres na sociedade, é possível observar que traços comumente descritos como femininos possuem uma origem cultural e não biológica ou inata.

Thompson aponta as premissas que vigoravam na psicanálise tradicional:

Supõe-se que as mulheres sejam mais narcisistas que os homens, que tenham uma necessidade maior de serem amadas do que eles, que sejam mais rígidas e possuam superegos mais frágeis que os dos homens, tudo isso somado às atitudes de passividade e masoquismo já mencionadas. (Thompson, 1942/1964, p. 236)

A autora recusa essas afirmações referindo-se a fatores sociais que justificariam essas características. Em primeiro lugar, em uma sociedade em que a legitimidade da gravidez e a segurança econômica dependem do marido, é comum que a mulher apresente um desejo maior de ser amada, de maneira que sua vaidade é um “mal” necessário para garantir o casamento. Thompson (1942/1964) ainda destaca que, em um momento em que o divórcio não era comum, a mulher casada podia deixar o cuidado com a aparência em segundo plano; porém, com a normalização da separação, para se manter em um estado de segurança, ela precisa continuar tendo aspirações ditas como narcísicas, como um culto ao corpo ou interesse em belas roupas. Ela comenta que “percebe-se que o suposto narcisismo da mulher e sua maior necessidade de ser amada podem ser inteiramente o resultado de uma necessidade econômica” (Thompson, 1942/1964, p. 236).

Além disso, a ideia de que as mulheres apresentam um superego mais fraco que o do homem, mencionada por Freud, deriva da noção de que a menina entra no Complexo de Édipo com a aceitação da castração, de forma que não há um medo que gere a repressão e a formação do superego forte. Dessa maneira, elas teriam convicções mais fracas e tenderiam a adotar as crenças de seus parceiros. Thompson aponta que isso pode acontecer em algumas mulheres, principalmente as que amaram vários homens, mas é comum o suficiente o encontro de mulheres com convicções fortes e homens com princípios fracos para não definir isso como uma característica inata do gênero feminino. Na realidade, a autora aponta que essa atitude está ligada a pessoas que dependem da aprovação de uma pessoa ou grupo mais poderoso. O caso do paciente A, apresentado anteriormente, serve de exemplo de um relato em que o desejo de agradar fazia com que adotasse comportamentos sem perceber (Thompson, 1940/1964).

Aprofundando essa discussão, Thompson cita uma passagem de Freud e questiona a veracidade de tal afirmação: “é como se a difícil evolução até a feminilidade tivesse esgotado as possibilidades da pessoa” (Freud, 1933/2010, p. 293). Para ela, a rigidez intelectual feminina não é inata, de forma que a falta de incentivo, oportunidade e dependência econômica do homem podem levar a uma inflexibilidade na vida. Dessa forma, a visão freudiana de que uma mulher perdia a capacidade para evoluir intelectualmente mais cedo que os homens é apenas a consequência do fato de que sua maior oportunidade de ter sucesso na vida era ter um bom casamento (Thompson, 1942/1964).

As ideias apresentadas por Freud foram amplamente generalizadas e falavam de uma mulher vitoriana; todavia, Thompson observa que muitas mulheres ainda se comportam desta forma e aceitam o fato de o seu destino ser casar e depender de um homem. No entanto, é mais comum que elas desfrutem de alguns anos de independência primeiro, ao contrário das suas avós (Thompson, 1942/1964). Por conseguinte, aceitar o papel feminino na sociedade garantia um senso de segurança, mas ao mesmo tempo era uma expressão de submissão e resignação. Diante disso, a autora afirma que a cultura estadunidense da época convida à masculinidade na vida das mulheres. Com a revolução industrial e com as guerras, as mulheres adentraram o mercado de trabalho, mas não possuem como referência outras mulheres; logo, imitam os homens e criam uma caricatura deles para seguir, muitas vezes ignorando seus próprios desejos.

Thompson em *Analytic Observations during the Course of Manic-Depressive Psychosis* (Thompson, 1930/1964) já havia mencionado a atitude de fazer uma caricatura do outro quando

afirma que Marian a imitava dessa maneira. Dessa forma, é possível observar que a imitação e identificação com a masculinidade podem ser justificadas pela falta de mulheres como referência e pela tentativa de se igualar a uma classe dominante. Logo, o complexo de masculinidade nas mulheres não é uma defesa do sentimento de falta biológica, mas sim gerado por uma dificuldade em relações de independência.

No texto *Penis Envy* (Thompson, 1943/1964), a autora continua suas reflexões sobre como o termo inveja do pênis era utilizado em referência ao órgão genital masculino, porém também poderia ser usado como um representante simbólico da inveja feminina. Visto que vivemos em uma sociedade patriarcal, o pênis se torna símbolo do poder masculino, assim como em sociedades matriarcais os seios podem ser usados como representantes do poder feminino. Horney (1926/1967) aponta que a inveja masculina, por exemplo, teria uma origem na capacidade da mulher de gestar e maternar, o que muitos teóricos horneyanos denominaram posteriormente como inveja do útero. O nome do órgão surge para representar uma série de funções, como o parto e a amamentação.

Thompson questiona o uso intercambiável do termo “inveja do pênis” entre uma insatisfação cultural ou biológica, apontando que muitos teóricos não especificam o que querem dizer com tal conceito. Para ela, o fenômeno parece descrever uma atitude cultural e não uma cobiça pelo órgão genital em si. Nesse sentido, Thompson (1943/1964) afirma que essa manifestação aparece na clínica ligada a diversos aspectos da vida e, apenas secundariamente, vinculada à anatomia, não havendo necessariamente qualquer evidência de que a diferença anatômica seja a causa daquilo que ela simboliza. A autora acredita que a hostilidade entre homens e mulheres não difere das divergências que acontecem entre dois grupos distintos nos quais um detém uma posição de prestígio em relação ao outro. A inveja do pênis e as ideias de castração são sintomas comuns nos sonhos e em outras manifestações do inconsciente; no entanto, a autora postula que essas representações não estão ligadas diretamente às diferenças sexuais, mas sim a qualquer sentimento de competição.

A autora demonstra que o conceito da inveja do pênis oferece uma explicação para os sentimentos femininos de inadequação, ao mesmo tempo em que oferece uma justificativa para as agressões masculinas contra elas. Thompson utiliza o exemplo da diferença racial para demonstrar esse jogo de poder, conforme aponta:

A discriminação por causa da cor da pele é um exemplo típico. Nesse caso, uma diferença geralmente fácil de distinguir serve de justificativa para uma

discriminação flagrante e para a privação de direitos. Um negro deve sentir-se inferior por ter a pele negra. Obviamente, a pele negra é importante para o grupo no poder, pois é uma característica facilmente reconhecível que permite diferenciar um grande número de pessoas deles próprios. (Thompson, 1943/964, p.244)

A diferença sexual é óbvia, assim como a cor da pele. Dessa maneira, Thompson afirma que essas duas marcas aparentes são convenientes para a utilização em dinâmicas de poder nas quais um grupo domina o outro.

De acordo com Thompson (1943/1964), a inveja é um sentimento comum em sociedades competitivas e existem atitudes gerais nas quais o caráter pode se desenvolver para lidar com essa vivência. Uma pessoa pode tentar ser melhor que os outros, ou mesmo conseguir sucesso; porém, quando “falha” em ser melhor que a pessoa invejada, desejos de vingança podem surgir. Outra possibilidade acontece quando uma pessoa se retira completamente de situações que envolvem competição, aparentemente não tendo ambição; nessa situação, pode haver uma sensação de poder por se engajar nessa dinâmica.

Dessa maneira, toda a sociedade participa dessa dinâmica, mas grupos minoritários, como mulheres e negros, têm mais desvantagens, ou seja, invejam os benefícios de um homem branco americano padrão. Contudo, Thompson (1943/1964) aponta que a inveja do pênis na clínica parece ter pouca relação com a vida sexual, a não ser de forma secundária. Sob essa perspectiva, o quadro clínico apareceria como resposta a todos os aspectos da vida feminina, de maneira a escancarar a inveja que a sociedade faz com que a mulher sinta do homem, configurando-se como uma racionalização da inadequação feminina devido à sua opressão.

Em *Working Women* (1949/1964), Thompson comenta mais uma vez sobre as condições sob as quais as mulheres estadunidenses viviam em meados do século passado. Ela reafirma que, em uma sociedade em constante mudança como os EUA, as possibilidades são inúmeras, ao passo que, em sociedades mais fixas, a escolha é limitada. Apesar de, inicialmente, esse período de transformação resultar em mudanças sociais positivas, com as mulheres conquistando mais direitos e liberdade, a insatisfação feminina parecia aumentar. Em uma sociedade limitada, em que o objetivo feminino era basicamente se tornar mãe e cuidar da família, as mulheres conseguiam satisfação em suas ocupações do lar. No entanto, com o avanço das tecnologias e reestruturações na economia, elas tiveram seus trabalhos domésticos exponencialmente reduzidos, de forma que, mesmo com as crianças pequenas demandando cuidados em tempo integral, muitas mulheres

sentiam que se submeter ao trabalho materno exclusivo era algo supérfluo e insuficiente (Thompson, 1949/1964).

Da mesma forma, era incomum encontrar mulheres plenamente satisfeitas apenas com a dedicação ao mercado de trabalho; logo, a inveja tornava-se um afeto compartilhado, acompanhado por sensações de inferioridade e frustração. Conforme discutido por Thompson em seus escritos de 1941, a criação de meninas no século passado atravessou um período de profunda divergência: por um lado, eram educadas sob ideais conservadores e puritanos; por outro, cresciam em uma estrutura social que passava a valorizar o trabalho e a individualidade. Diante desse impasse, uma parcela expressiva da população feminina carregava uma sensação crônica de insatisfação, independentemente das escolhas que fizessem em relação à carreira, ao casamento ou aos filhos.

Thompson (1949/1964) aponta que outro fator com influência direta na vida das mulheres é a possibilidade de engravidar. Enquanto muitos teóricos da época acreditavam que a busca por um relacionamento duradouro vinha puramente dessa questão biológica, a autora contesta essa ideia geral lembrando que, nos matriarcados, as mulheres não demonstram essa necessidade de permanência. Com esse argumento, Thompson reforça seu viés culturalista, mostrando que a postura feminina diante da gravidez e do casamento é moldada pelo sistema em que vivem. Além disso, o próprio sentimento de segurança das mulheres, muitas vezes atrelado à figura do marido ou do pai, reflete essa dependência social. Assim, fica claro o argumento central da autora de que “uma grande parte do desejo de permanência é um resultado da tradição e da situação econômica” (Thompson, 1949, p. 258).

Em *Penis Envy*, Thompson (1943/1964) diz que a competitividade é uma marca da sociedade estadunidense; contudo, em 1949, ela mostra como esse sistema não está adaptado para a realidade feminina por não dar suporte à maternidade. Logo, a função biológica da mulher se torna uma desvantagem no mercado de trabalho, que falha em acolher aquelas que precisam cuidar de seus filhos, principalmente nos primeiros anos de vida. Além disso, as mulheres caíam na armadilha de entrar no mercado com a ideia de agir como os homens, já que não possuíam referenciais de liderança feminina. No entanto, elas não são como os homens e, portanto, não deveriam tomá-los como únicos objetos de aspiração.

Dessa forma, retomando as ideias apresentadas sobre identificação (Thompson, 1930/1964, 1940/1964), é possível observar que essas mulheres não possuíam um modelo feminino para se identificar. Por conta disso, acabavam imitando os homens, o que prejudica o desenvolvimento

saudável da mulher, já que elas possuem realidades e necessidades diferentes deles. Para Thompson, buscar uma emancipação baseada na cópia do comportamento masculino é um caminho equivocado que anula a própria identidade feminina. A autora finaliza seu texto defendendo que a verdadeira contribuição das mulheres para mudar a cultura está em encontrar um modo de vida produtivo que não seja pautado pela competitividade destrutiva

Em 1950, ela publica seu próximo artigo *Some Effects of the Derogatory Attitude toward Female Sexuality*, em que apresenta de maneira categórica as consequências de uma sociedade que tem uma atitude negativa direcionada às mulheres. Thompson retoma a ideia apresentada em *Penis Envy* (1943/1964) de que as mulheres não sentem inveja do pênis em si, mas sim da posição de vantagem do homem na sociedade. Ela acrescenta que, embora pareça óbvio que a vivência sexual difere entre os sexos, existia uma noção propagada até mesmo por movimentos feministas da época de que a igualdade de direitos exigia uma equivalência absoluta em todas as esferas da vida, o que, para a autora, constitui um equívoco que desconsidera as particularidades da biologia e da psicologia femininas.

Embora Thompson (1950/1964) reconheça a genialidade de Freud e sua contribuição pioneira para o estudo da sexualidade, ela argumenta que o autor não conseguiu se desvencilhar do viés cultural de sua época. Para a autora, o fato de Freud estar imerso em uma sociedade que naturalizava a superioridade masculina comprometeu sua capacidade de descrever a psicologia feminina de forma imparcial. No entanto, o diferencial de sua análise em 1950 é demonstrar como essa herança teórica acabou por legitimar institucionalmente a depreciação da sexualidade da mulher, transformando um preconceito cultural em dogma clínico.

Quando Thompson adentra as questões sexuais propriamente ditas, afirma ser impossível que uma pessoa compreenda totalmente a experiência subjetiva do sexo oposto. Para ela:

Uma mulher, por exemplo, não pode ter certeza de que sabe o que é a experiência subjetiva de uma ereção e do orgasmo masculino. Nem um homem pode se identificar com a tensão e as sensações da menstruação, da excitação genital feminina ou do parto (Thompson, 1950/1964, p. 249)

Thompson cita Horney para respaldar sua posição. No texto *The Flight from Womanhood* (1926), Horney defende que a teoria freudiana, segundo a qual as meninas acreditam que foram castradas e por isso invejam o pênis dos meninos, deriva de uma perspectiva puramente masculina sobre o assunto. Alinhada a essa crítica, Thompson (1949/1964, 1950/1964) aponta que as mulheres geralmente chegam ao contexto clínico manifestando insatisfação com o lugar que o

homem ocupa na sociedade, sendo raro encontrar casos em que se incomodem de maneira categórica com a ausência do órgão sexual masculino.

De acordo com ela, outra evidência desse viés androcêntrico ocorre em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/2011), texto no qual o autor assume o masoquismo como traço inerente à sexualidade feminina, mas exemplifica sua teoria utilizando fantasias de homens homossexuais passivos. A partir dessa contradição, Thompson argumenta que a comparação freudiana é conceitualmente falha, visto que as projeções de um homem sobre a experiência feminina não exprimem a realidade das mulheres. Em consonância com a autora, compreende-se nesta pesquisa que a tentativa de universalizar o masoquismo feminino a partir desse modelo é um equívoco, pois o funcionamento de uma vida sexual feminina saudável raramente se assemelharia à vivência de uma personalidade masculina passiva e, segundo a autora, perturbada.

Thompson comenta que, em *Sex and Character*, Fromm (1943) aponta que as diferenças biológicas na experiência sexual podem contribuir para uma ênfase maior em certas tendências de caráter nos dois sexos. Para o autor, a relação sexual possui uma diferença crucial entre homens e mulheres. A ereção masculina é necessária para o intercuro, enquanto não existe uma função correspondente na mulher. Fromm utiliza essa assimetria na performance sexual para pautar uma diferença na construção do caráter dos indivíduos, demonstrando que, devido ao fato de o prazer feminino depender da capacidade de desempenho do parceiro, as mulheres desenvolveriam o medo do abandono, ao passo que os homens manifestariam o medo do fracasso.

Thompson (1950/1964) aponta que os pressupostos de Fromm sobre a sexualidade são valiosos para a sua própria tese; no entanto, ela considera que ele falha ao não mensurar o peso da busca feminina por gratificação. A autora afirma que as mulheres se encontram em situações sexuais desconfortáveis com mais frequência que os homens justamente por essa capacidade biológica de manter o intercuro mesmo sem desejo. Conforme apontado por Horney em *The Dread of Woman* (1932/1967), mesmo a mulher mais frígida consegue ter relações sexuais sem a necessidade de provar seu desempenho. Para Thompson, a mulher que consente com a instrumentalização de seu próprio corpo quando não está interessada, ou apenas levemente excitada, frequentemente se vê no centro de uma experiência frustrante. Essa ausência de prazer gera ressentimento e a percepção de que suas necessidades foram anuladas em função da satisfação masculina

Tal ressentimento muitas vezes é encoberto por uma resignação, sendo comum escutar de mulheres casadas que o parceiro não as incomoda muito e que a dinâmica conjugal está bem. Elas participam da atividade sexual de maneira automática, desconsiderando o próprio prazer. Thompson (1950/1964) aponta que, frequentemente, essa postura não vem acompanhada de violência ou coerção, configurando-se apenas como o modo de funcionamento de um casal cujas outras esferas do casamento operam com estabilidade. No entanto, para a autora, caso essas mulheres se sentissem livres para escolher, recusariam a relação sexual com seus parceiros, exceto quando realmente desejassem participar. Diante disso, torna-se fundamental compreender os fatores que levam a população feminina a se submeter a situações de desconforto ou indiferença com tamanha recorrência.

Thompson (1950/1964) analisa as dinâmicas que desencadeiam esse comportamento. De acordo com a autora, o motivo mais comum para essa atitude é a insegurança no relacionamento, que pode ter origem externa, a partir da insistência ou manipulação do parceiro, ou interna, oriunda de um sentimento próprio de inadequação. Nesse ponto, Thompson retoma a ideia de que há uma noção de insuficiência no cerne do desenvolvimento feminino. Essa construção, de caráter eminentemente cultural, além de produzir repercussões psíquicas, submete as mulheres a cenários que negligenciam suas necessidades e perpetuam o desconforto.

Além disso, Thompson aponta que a mulher não assume uma postura puramente passiva na relação. Para a autora, mesmo diante de dinâmicas de forte imposição ou violência, o corpo feminino manifesta respostas psicossomáticas profundas. O vaginismo, por exemplo, demonstra que uma recusa inconsciente é capaz de bloquear fisicamente o ato, impactando diretamente o desempenho masculino. Desse modo, considerando a tese de que o homem necessita da ereção para validar sua capacidade sexual, constata-se que o corpo da mulher também precisa estar minimamente receptivo e apto para que a relação ocorra, ainda que essa manifestação se dê de forma sutil (Thompson, 1950/1964).

Essas reações, para a autora, decorrem tanto da introjeção de uma atitude cultural, a qual estabelece que as necessidades femininas não são tão urgentes quanto as masculinas, quanto de dificuldades neuróticas individuais. Portanto, embora o poder físico superior do homem seja um fator relevante na frequência da complacência passiva, operam também outras variáveis. Uma delas é a vigência de um padrão moral que desvaloriza o desejo da mulher, gerando menor preocupação social em satisfazê-lo ou considerá-lo (Thompson, 1950/1964). Esse cenário é agravado pelo fato

de que, como sinalizado pela autora, as manifestações de excitação femininas são anatomicamente mais sutis que as masculinas. Consequentemente, a premissa de que a vida sexual da mulher possui menor importância produz dois desfechos prejudiciais: a inibição da expressão do desejo, pautada no medo de parecer menos feminina ao manifestar impulsos sexuais, ou a adoção de um estado de disponibilidade constante, no qual a mulher abdica dos direitos sobre sua própria sexualidade. Ambos os extremos sabotam a autoexpressão e a espontaneidade natas, resultando em ressentimento crônico e insatisfação (Thompson, 1950/1964).

Segundo Thompson (1950/1964), outra forma pela qual a cultura controla de forma expressiva a sexualidade feminina é a depreciação dos genitais. Ao considerar a própria tese freudiana de que a menina deve abdicar da estimulação clitoridiana em favor da vaginal, constata-se como a desvalorização de um órgão central para o prazer feminino está intrinsecamente ligada à construção de uma sexualidade rotulada pela psicanálise clássica como normal. Consequentemente, enquanto a teoria tradicional sustenta que essa desvalorização decorre de uma suposta inveja do pênis, Thompson (1950/1964) demonstra que tal fenômeno é, na realidade, um reflexo do preconceito cultural introjetado na teoria.

Thompson (1950/1964) propõe, nesse texto, uma abordagem distinta para o problema. Ela reitera a tese de que a inveja do pênis constitui uma teorização de perspectiva estritamente masculina, defendendo que a reação das mulheres à desvalorização de seus próprios órgãos é significativamente mais relevante para a psicologia feminina do que a suposta cobiça pelo órgão oposto. Sob essa ótica, constata-se que a aceitação do próprio corpo e de todas as suas funções biológicas e psíquicas configura-se como uma necessidade básica na formação da autoestima e do respeito próprio feminino.

A autora considera que, em uma sociedade estruturada sobre preceitos puritanos, a negação do prazer corporal transforma as necessidades sexuais em fonte de vergonha, afetando ambos os sexos, embora recaia sobre a população feminina com maior intensidade. Além disso, Thompson (1950/1964) aponta que a cultura americana da época apresentava uma forte obsessão pela limpeza. Esse valor social torna-se problemático quando os órgãos genitais são associados às funções de excreção e, consequentemente, à sujeira. No caso dos homens, parte desse estigma é mitigada pelo papel ativo na eliminação do sêmen; a mulher, contudo, ao ser posicionada culturalmente como receptora, acaba internalizando a ideia de que sua genitália é impura. Ao recuperar o conceito clássico de moralidade do esfíncter, proposto originalmente por Ferenczi (1925/1993),

compreende-se nesta análise como essa dinâmica estende o julgamento do controle urinário e fecal às práticas sexuais. Esse controle impacta severamente as atitudes em relação ao corpo feminino, visto que manifestações como a menstruação e as secreções vaginais não são contidas por esfíncteres, o que consolida o sentimento de inaceitabilidade e repulsa. Dessa forma, Thompson demonstra que os impasses da vida sexual feminina não derivam da ausência do pênis, mas sim da rejeição social à sexualidade da mulher.

Em seus textos avulsos sobre a feminilidade, Thompson demonstra que enxerga o desenvolvimento feminino como um processo profundamente determinado por fatores socioculturais. Embora a autora reconheça a existência e a influência das condicionantes biológicas, ela sustenta que o modo como a sociedade reage a essa anatomia e a decodifica é o que verdadeiramente molda as fronteiras da feminilidade. Por conseguinte, Thompson conclui que conceitos erigidos pela psicanálise tradicional como critérios de normalidade universal são, em última análise, o resultado de uma confusão epistemológica. Essa falha teórica reside em naturalizar como determinismo biológico o que constitui, fundamentalmente, um produto das relações sociais e interpessoais. Assim, fenômenos clínicos interpretados por Freud como neuroses anatômicas inerentes à mulher revelam-se reflexos diretos de uma cultura que deprecia os genitais femininos e pune suas manifestações espontâneas. Numa tentativa de sintetizar essa tese, Thompson dedicou-se à escrita de um livro inteiramente voltado à psicologia da mulher, agrupando suas formulações em uma obra unificada. Contudo, devido ao seu falecimento precoce, o manuscrito não pôde ser concluído pela autora, de modo que os capítulos remanescentes, publicados postumamente, serão analisados detalhadamente na próxima seção.

5 O ENCONTRO DA CULTURA E DA BIOLOGIA

5.1. O DESENVOLVIMENTO FEMININO: FATORES SOCIAIS E BIOLÓGICOS

O período final da produção intelectual de Thompson é marcado pelo aprofundamento sistemático nos estudos sobre a feminilidade. Devido ao seu falecimento em 1958, a autora não pôde concluir o livro que se dedicava integralmente ao tema. Posteriormente, em 1964, Maurice Green obtém acesso a esse material e publica os capítulos remanescentes escritos pela psicanalista. Ao longo de sete capítulos, o manuscrito póstumo desenvolve as teses estruturadas por Thompson nos anos anteriores, consolidando suas formulações teóricas e delimitando categoricamente como as perspectivas da autora se distanciam dos dogmas tradicionais freudianos.

As críticas a Freud iniciam-se logo no primeiro capítulo, intitulado *Psychoanalytic Theories* (Thompson, 1964g). A autora reconhece que o estudo mais intensivo acerca do desenvolvimento psicosssexual feminino foi empreendido pela psicanálise tradicional; no entanto, essas formulações passaram a ser contestadas por debates subsequentes que impediram que a teoria se mantivesse estática. Thompson (1964g) pondera que o Complexo de Édipo foi originalmente concebido a partir da premissa de que o menino nutria o desejo de eliminar o pai para possuir a mãe, pressupondo-se que a dinâmica feminina ocorreria de maneira estritamente inversa. Contudo, na perspectiva da autora, esse modelo simétrico revelou-se precocemente insuficiente para explicar a psicologia da mulher, visto que tanto o menino quanto a menina partilham da figura materna como objeto primordial de amor.

Para demonstrar o funcionamento do desenvolvimento psicosssexual infantil, Thompson (1964g) utiliza a linha de desenvolvimento comum da sexualidade, apontando as divergências entre os sexos a partir de sua leitura clínica. Na fase oral, segundo a autora, não existe uma ideia de separação entre a mãe e o bebê, e ambos os sexos possuem a mesma relação com a genitora, sendo a atividade predominante a do aleitamento. A similaridade entre os dois gêneros marca também uma diferença crucial entre eles: o primeiro objeto de amor de ambos é a mãe, portanto, o menino possui como primeira escolha objetual uma pessoa do sexo oposto, já a menina possui como escolha alguém do mesmo sexo. Além disso, Thompson pontua que o bebê já é afetado pela preferência de gênero dos pais, sendo que a atitude muda dependendo de um desejo prévio. Thompson questiona a ideia freudiana de que o desejo materno, em sua maioria, é de ter um filho homem; ela diz que,

em diferentes momentos da vida, o desejo pode se alterar. Na perspectiva de Thompson, contudo, em uma sociedade patriarcal não é incomum que o filho homem seja celebrado e que a mulher se sinta especial por trazer essa alegria à família.

Quando o indivíduo adentra a fase anal, uma diferença importante surge em relação à atividade e à passividade. Segundo Thompson (1964g), apesar de Freud não definir necessariamente um polo como masculino e outro como feminino, ele aponta uma tendência à atividade no menino e uma passividade na menina, sendo que um sinal da homossexualidade masculina poderia ser justamente essa postura passiva. Ela também aponta que essa fase apresenta uma grande variedade entre culturas e que a passividade feminina parece ter uma origem mais cultural do que biológica. Para ela, o esforço da sociedade para criar “*little ladies*”, assim como a maior permissividade com os meninos, justifica essa assimetria entre os sexos. No entanto, a autora observa que traços de masculinidade e feminilidade são vistos muito cedo nessas crianças, o que pode indicar que exista algo inato nessa diferença comportamental.

Finalmente, após a fase anal, ocorre o advento da fase fálica. Nesse período, segundo Freud (1905), a diferenciação sexual torna-se imperativa, de modo que a menina descobre a ausência do pênis e o menino constata que existem indivíduos que sofreram a perda desse órgão, deflagrando o complexo de castração no garoto e a inveja do pênis na garota. Para Thompson (1964g), essa formulação teórica mostra-se mais fidedigna à experiência masculina do que à feminina. A autora observa ser raro encontrar, em contexto clínico, a inveja do órgão anatômico propriamente dito, ou relatos de mulheres que se recordem de conceber a si mesmas como castradas. Em contrapartida, constata-se uma nítida cobiça pelas prerrogativas e vantagens sociais que os irmãos ou outros meninos possuíam. Com base nas observações de Thompson (1964), essa etapa é marcada por uma constante comparação entre os corpos, independentemente do gênero, sendo comum que as meninas simulem a posse do pênis e os meninos finjam ter uma vagina. Além disso, a imitação constitui um traço preponderante nesse momento do desenvolvimento. Um exemplo ilustrativo apresentado pela psicanalista é o de uma criança que começou a mancar, descobrindo-se, posteriormente, que ela apenas mimetizava o comportamento de uma colega de escola.

Outro fator que contribui para a gênese da inveja feminina foi apresentado por Horney em *A gênese do complexo de castração nas mulheres* (1923/2025). Segundo a autora, as crianças superestimam de forma narcísica o processo excretor. Essa dinâmica faz com que a menina sinta inveja da maneira como os meninos urinam, já que eles conseguem observar o próprio órgão sexual

durante a excreção e, desse modo, satisfazem seus desejos escopofílicos, ou seja, constata-se uma desvantagem intrínseca à biologia ao redor do ato miccional. A partir disso, a autora argumenta que a permissão implícita para a masturbação opera como a dimensão cultural que auxilia na consolidação dessa inveja. Enquanto o garoto pode segurar o pênis ao urinar, a garota é ativamente reprimida pelos pais e pelo corpo social. Horney (1923/1967) aponta que a possibilidade de exibir o pênis livremente, tocá-lo e observá-lo atende à curiosidade sexual do menino, ao menos no que tange ao próprio corpo. Cumpre notar que Thompson (1964g) não repete essas formulações específicas de Horney sobre a dinâmica miccional e a fase fálica em sua obra. Contudo, a convergência entre ambas as teóricas reside no ponto final de suas teses: a evidência de que os marcadores anatômicos brutos são instrumentalizados pela cultura e pelas proibições sociais para produzir, artificialmente, o sentimento de inferioridade na mulher.

Segundo Thompson, como desdobramento dessas vivências na etapa fálica, as teorias freudianas sugeriam que o superego feminino seria mais frágil e menos independente de princípios, uma vez que as mulheres não experimentaram o mesmo rompimento brusco que os rapazes no Complexo de Édipo. De acordo com essa perspectiva clássica, aqui compreendida como o modelo freudiano ortodoxo e suas ramificações integradas ao mainstream acadêmico, representadas por autores como Helene Deutsch e Anna Freud, o desejo feminino de ser amada conduziria a mulher a adotar as convicções do homem soberano em sua vida. Contudo, Thompson (1964g) reitera uma premissa já estruturada em *Cultural Pressures in the Psychology of Women* (1942/1964), argumentando que tal fenômeno não se origina em uma disparidade sexual intrínseca, mas sim em uma nítida dinâmica de poder. Para a autora, trata-se de um comportamento característico de indivíduos em posições subordinadas e dependentes, que adaptam seus padrões aos da autoridade vigente como estratégia de sobrevivência e acomodação social. Podemos inferir que esse mecanismo se relaciona às formulações de Thompson em *Identification with the Enemy and Loss of the Sense of Self* (1940/1964) acerca do processo de identificação. Nesse texto, ela aponta que a tentativa de proteção por meio da imitação do comportamento hegemônico revela-se um modo de vida capaz de gerar, eventualmente, uma assimilação acrítica dos padrões impostos. Logo, se a possibilidade de segurança das mulheres está atrelada às relações que elas constroem com as figuras masculinas ao seu redor, pode-se inferir que a adoção de suas convicções constitui um desdobramento lógico dessa assimetria social.

Após o período de latência, com o advento da puberdade, ocorre a menarca. Thompson (1964g) recupera as teses de Freud e Helene Deutsch para demonstrar como, na visão da psicanálise tradicional, a menstruação constitui um evento traumático que evoca a inveja do pênis e o complexo de castração, especialmente devido à presença do sangue. Contudo, a autora argumenta que essa carga negativa é, em grande parte, fruto de atitudes culturais e da falta de preparação da jovem (Thompson, 1964g). Desse modo, a menstruação adquire um caráter ansiogênico quando indica uma discriminação drástica em relação às atividades anteriores da menina, atuando mais como um indicador de restrição social do que como uma ferida biológica inevitável. Nota-se, assim, como a biologia feminina acaba sendo instrumentalizada pela cultura para justificar a interrupção da autonomia infantil. O impacto atribuído à menarca parece decorrer, portanto, da percepção da própria adolescente de que seu corpo agora dita a sua inserção em um papel de submissão socialmente imposto.

Por fim, a autora enfatiza que é necessário refutar a falácia clássica de que a mulher seria essencialmente um “macho castrado” cuja psicologia constitui apenas uma negação da masculinidade. Thompson (1964g) contesta diretamente formulações como as de Ferenczi (1924/1993) e Deutsch (1944/2013)⁷, que, segundo ela, concebiam o prazer feminino por meio de uma identificação com o pênis do parceiro, defendendo a necessidade de reconhecer a psicologia da mulher como uma entidade autônoma. Para a autora, a busca por continuidade nos relacionamentos ou o amor materno não devem ser reduzidos a um mero narcisismo ou a um subproduto da inveja biológica. A incapacidade de amar não é limitada pelo sexo, mas sim pela carência de afeto na infância, e os dilemas da mulher são, fundamentalmente, moldados por pressões culturais e financeiras, e não por uma deficiência anatômica. Evidencia-se, portanto, que ao revisitar as fases do desenvolvimento psicosssexual propostas pela vertente ortodoxa, a contribuição original de Thompson não reside na negação dos fatos biológicos, mas sim na demonstração de como a cultura instrumentaliza a diferença genital e lhe confere peso e significado, transformando assimetrias anatômicas em desigualdades sociais.

Alinhada a essa compreensão sobre o significado cultural da anatomia, Thompson (1964b) dedica uma seção específica de sua obra às especificidades biológicas que circundam o

⁷ É importante destacar que as contestações de Thompson frequentemente carecem de indicação bibliográfica direta quanto às obras originais de alguns autores, como Deutsch e Ferenczi. Esse distanciamento da referência textual literal faz com que a autora, em diversos momentos, simplifique e estereotipe as teses tradicionais, conferindo-lhes um caráter exacerbado e reducionista que nem sempre faz justiça à densidade dos conceitos psicanalíticos originais.

amadurecimento feminino. Em *Biologic Aspects* (1964b), ela explica que as distinções biológicas fundamentais entre os sexos são inegáveis e não devem ser negligenciadas, a despeito das tentativas de certas correntes teóricas de minimizá-las. A exclusividade feminina na gestação e na lactação, somada às variações hormonais do ciclo menstrual, exerce uma influência concreta na economia psíquica. A autora ampara-se em investigações como as de Benedek e Rubenstein (1942) para indicar a existência de uma correlação entre a flutuação hormonal e as oscilações de humor, as quais variam entre estados de agressividade e passividade, ou de dependência e independência. Embora Thompson (1964b) reconheça a dificuldade em segregar o que é estritamente biológico daquilo que é cultural, sustenta ser razoável assumir que a experiência sexual subjetiva da mulher difere qualitativamente da do homem. Essa assimetria decorre, em parte, da ausência de uma ereção visível ou de um marco ejaculatório na arquitetura anatômica feminina, o que pode tornar o desejo da mulher, por vezes, menos evidente ou consciente em sua manifestação física imediata.

Ao contestar a hipótese freudiana de que a vagina permaneceria ignorada pela menina até a puberdade, Thompson (1964b) argumenta haver evidências clínicas de que muitas garotas descobrem a zona vaginal precocemente como fonte de gratificação, não se limitando à estimulação clitoridiana. O prazer erógeno feminino, portanto, parece derivar de ambos os centros organizadores, variando substancialmente de modo individual. No entanto, a autora pondera que o início da vida sexual ativa é frequentemente marcado pelo desconforto do primeiro coito e pela alteração anatômica do hímen. Thompson cogita, inclusive, a existência de um “medo virginal biológico” ancestral, dinâmica que pode levar muitas mulheres a conceberem o intercurso sexual como uma forma de agressão sofrida. Sob essa ótica, Ilíc (2025) descreve como essa percepção subjetiva foi historicamente reforçada pela dupla moralidade da Era Vitoriana, conjuntura que racionalizava o controle punitivo sobre a sexualidade feminina enquanto facultava uma ampla liberdade aos homens.

Na perspectiva de Thompson (1964b), a puberdade atua como um divisor de águas em todas as culturas, diferenciando drasticamente os papéis sociais de homens e mulheres. Ela aponta que a menstruação, embora constitua um processo biológico natural, ainda carrega um estigma histórico de vergonha e uma exigência de ocultação que influenciam negativamente a autoimagem feminina. Da mesma forma, a autora pondera que a gravidez, o parto e a lactação introduzem dimensões de cuidado e conexão que, embora recebam influxos hormonais, são profundamente moldadas pelo contexto social. O desenvolvimento de cada sexo se estabelece a partir de uma articulação

intrincada, na qual os fatos biológicos fornecem a base anatômica, mas a cultura dita o significado e a extensão dessas diferenças. A autora considera que esse cenário exige olhar para trás, investigando como as bases de tais assimetrias começam a ser delineadas muito antes da maturidade reprodutiva, especificamente ao longo das experiências estruturadas na infância e na adolescência.

5.2 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Essa investigação retrospectiva acerca das assimetrias de gênero ganha contornos práticos no ensaio intitulado *Childhood* (1964c), texto em que Thompson articula o desenvolvimento infantil à dinâmica familiar e às expectativas diferenciadas dos genitores. Ela argumenta que, enquanto os meninos são tradicionalmente incentivados a desbravar o mundo, lutar suas próprias batalhas e buscar independência, as meninas tendem a permanecer sob a redoma protetora por mais tempo. Essa proteção excessiva, e não uma deficiência inata, constitui o fator que frequentemente retarda o desenvolvimento de uma autonomia plena. Sob essa perspectiva, a suposta "fragilidade" do superego feminino é interpretada pela autora como um subproduto direto de uma educação que desencoraja a autodeterminação em favor da obediência e da segurança provida pelas figuras parentais.

Ao incorporar as formulações de Sullivan (1953), Thompson (1964c) aponta que o desenvolvimento da capacidade genuína de amar ocorre habitualmente no período compreendido entre os nove e os doze anos, intermediado pelo estabelecimento de amizades profundas com indivíduos do mesmo sexo. Antes desse limiar, aquilo que os genitores tendem a qualificar como afeição constitui, fundamentalmente, uma manifestação de dependência. É por meio desse vínculo íntimo com suas pares que a menina começa a compartilhar descobertas acerca das transformações corporais e dos afetos direcionados aos outros. Essa experiência de companheirismo íntimo atua como um pré-requisito essencial para a maturidade emocional, de modo que a ausência dessa conexão profunda na pré-adolescência costuma acarretar dificuldades significativas quando a jovem tenta navegar na intimidade heterossexual em etapas posteriores de sua vida, explica a autora

Thompson (1964c) comenta que é comum que, nesse período de descoberta, ocorram experimentações sexuais entre amigas, dinâmica que frequentemente desperta ansiedade nos genitores quanto a uma possível homossexualidade definitiva. No entanto, ela ressalta que tais

vivências integram o processo regular de exploração da própria identidade e da corporeidade dentro de um ambiente de mútua confiança. Longe de configurar um desvio, a capacidade de estabelecer vínculos profundos e significativos com o próprio sexo alicerça o caminho para uma vida emocional saudável na fase adulta, servindo como o primeiro laboratório para o afeto desinteressado e para a empatia.

Nos dois textos seguintes, Thompson aborda os problemas da adolescência. Em *Adolescence* (1964a), ela pontua o que acontece nessa fase do desenvolvimento e como isso afeta a garota. Como Freud explica em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908/2013), a cultura moderna se constitui, em grande parte, a partir da repressão de impulsos sexuais que garantem a vida em sociedade, porém podem ser fontes de patologias. Thompson (1964a) aponta que a adolescência se torna um momento de convocação do corpo, mas, diferentemente de outros marcos da sexualidade infantil, o resultado da puberdade não é celebrado. Antes, o bebê era exaltado pelo controle do esfíncter ou pelos primeiros passos; agora, contudo, os indivíduos devem conter seus desejos. No menino, a excitação sexual é mais evidente, sendo as ereções e poluções noturnas sinais claros de maturação. Na menina, embora tais sinais sejam mais sutis, a menstruação assume o protagonismo na vida feminina, de modo que as atitudes sociais atreladas a esse fato influenciam de forma direta a reação da jovem a essa convocação biológica.

As atitudes relacionadas à sexualidade na adolescência sofreram transformações drásticas ao longo do século passado. Sob essa perspectiva, constata-se que a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho após as Guerras Mundiais operou como um catalisador para a gradual flexibilização dos tabus que cercavam o corpo feminino, reverberando diretamente no comportamento dos jovens. Thompson (1964a) ilustra essa transição geracional ao contrastar que, em 1915, as dúvidas de um garoto giravam em torno da permissão para beijar uma jovem, ao passo que, na década de 1950, a indagação se transformou em até que ponto a parceira esperava que o envolvimento avançasse. Desse modo, a exploração erótica tornou-se mais frequente e o acesso a informações sobre o tema foi facilitado. No entanto, o afrouxamento dessas barreiras morais não se deu sem impasses. A autora adverte que a promiscuidade passou a ser frequentemente confundida com a autêntica liberdade, convertendo o sexo em uma espécie de moeda de troca social. Em resumo, ela afirma: “Nossos adolescentes ainda não alcançaram a simples aceitação da sexualidade que buscam. Ao tentarem ser desinibidos, eles, em grande parte, simplificaram demais e desvalorizaram a situação” (Thompson, 1964a)

Thompson (1964a) pondera também que é na adolescência que as escolhas sobre carreira, matrimônio e maternidade se tornam urgentes na vida da jovem. De acordo com a autora, os desdobramentos dessa fase são múltiplos e a interação com as figuras parentais pode gerar uma vasta gama de resultados clínicos distintos. Ela relata alguns exemplos gerais e reconhece a impossibilidade de exaurir todas as combinações práticas. Diante das descrições de casos clínicos, observa-se que é precisamente nesse momento de transição que se estruturam as diferentes possibilidades da identidade feminina mapeadas nos textos anteriores. A recusa de Thompson em criar regras fixas evidencia sua preocupação ética e metodológica em evitar generalizações universais, postura que funciona como uma crítica direta aos determinismos e dogmas da teoria psicanalítica ortodoxa.

Ao mapear a influência materna, Thompson (1964a) aborda diferentes arranjos que repercutem nas escolhas eróticas das filhas. Uma das configurações descritas envolve a rivalidade pela atenção de homens mais jovens, cenário observado com relativa frequência em núcleos chefiados por viúvas ou mães solteiras. Nessa disputa, a jovem larga em desvantagem, uma vez que carece da maturidade e do repertório vivencial da figura materna. Como forma de defesa, a menina pode abdicar da vaidade convencional e adotar vestimentas masculinas, sugerindo uma inclinação para a homossexualidade. Outra dinâmica recorrente, descrita pela autora, abarca a mãe que, devido a experiências sexuais aversivas, passa a desprezar a atividade sexual, transmitindo essa rejeição à descendente. Como consequência desse aprendizado, a filha tende a direcionar a totalidade de seus afetos e cuidados à genitora, resultando não em uma homossexualidade ativa, mas em um quadro de assexualidade.

No que tange à figura paterna, Thompson (1964a) exemplifica que não é incomum que o genitor, ao observar o amadurecimento da filha, sinta-se atraído por ela, sobretudo se a jovem compartilhar semelhanças físicas com a mãe. Inicialmente, essa adoração pode repercutir de forma positiva na autoestima da garota; contudo, o desenvolvimento de comportamentos possessivos por parte do pai frequentemente impede que a jovem vivencie experiências afetivas com outros rapazes. Esse cerceamento, inclusive, costuma ser relativizado pelo corpo social, haja vista a persistência do ideal patriarcal de que a mulher constitui uma propriedade masculina. Desse modo, a autora demonstra que as atitudes das figuras de cuidado em relação às filhas exercem um impacto direto em suas posteriores escolhas eróticas. Sob esse prisma clínico, Thompson aponta que as pressões dessa fase tornam a adolescência o período de maior vulnerabilidade para a eclosão de sofrimentos

psíquicos graves, dentre os quais se destaca a esquizofrenia, temática analisada sistematicamente no capítulo seguinte, intitulado *Psychopathology of Adolescence* (1964h).

Na perspectiva de Thompson (1964h), a menstruação assume o papel de núcleo central para diversas manifestações psicopatológicas. A autora pondera que esse fenômeno, enquanto função biológica regular, deveria acarretar pouco desconforto físico, contudo, ao ser investido como o principal símbolo da maturidade sexual e da feminilidade, converte-se em fonte de extrema angústia. Na sociedade americana da época, a experiência menstrual era constantemente associada a uma noção de invalidez ou adoecimento crônico. Assim, embora reconheça o papel de um substrato biológico, a psicanalista defende que grande parte da sintomatologia severa, a exemplo de vômitos e cólicas agudas, possui, na verdade, uma gênese eminentemente psicogênica.

Thompson (1964h) comenta que, além de evocar sentimentos de inadequação atrelados à feminilidade, o ciclo menstrual está diretamente associado à capacidade reprodutiva e aos temores que cercam a gestação. Ela observa que a maioria das mães, independentemente do grau de conservadorismo, aborda o tema com as filhas em algum momento. Contudo, essa interlocução frequentemente ocorre de maneira tardia, após a menarca, e costuma ser instrumentalizada pela genitora para projetar seus próprios dogmas morais, ainda que de forma sutil. Ao testemunhar o embarço materno durante o diálogo, a jovem passa a vincular o processo biológico à dimensão da vergonha. Outro aspecto crítico reside na irregularidade do fluxo em muitas adolescentes, fenômeno que a autora aponta ser comumente associado pelas jovens à prática da masturbação ou a outras excitações sexuais, operando no imaginário infanto-juvenil como uma espécie de retaliação física ao desejo.

Para além dos conflitos associados ao ciclo menstrual, Thompson (1964h) pondera que o sexo constitui uma área obscura para o público feminino. Calado et al. (2025) constataam que a inibição ou a ausência do ápice do prazer é uma realidade clínica recorrente, não sendo incomum encontrar mulheres adultas que nunca vivenciaram o orgasmo ou que desconhecem a sua exata natureza. Thompson (1964h) ressalta que as manifestações da excitação e as práticas de masturbação na mulher podem ser tão sutis que muitas passam a vida executando-as sem saber, sobretudo quando não envolvem a manipulação manual direta. A autora ilustra essa dinâmica por meio do caso de uma paciente fortemente religiosa que manifestava frigidez no casamento, mas que se masturbava sem saber durante as orações ao pressionar as coxas, interpretando o subsequente ganho de prazer não como uma resposta do sexo, mas como um genuíno fervor

religioso. No entanto, a masturbação, mesmo quando não totalmente consciente, pode reativar sentimentos conflitantes de origem infantil. Tais conflitos costumam se manifestar em sintomas como a sensação difusa de que algo está errado, fadiga crônica ou um apreço excessivo pela higienização dos genitais.

Thompson (1964h) aponta que, em uma mulher saudável, vivenciar períodos de masturbação ao longo da vida constitui um processo comum; no entanto, certas perturbações na adolescência podem ameaçar converter essa satisfação autoerótica em uma fixação suprema. Independentemente do nível de consciência desse ato, o conflito gerado tende a ser amplificado pela desinformação externa, evidenciando-se de forma muito mais explícita nas meninas do que nos meninos. A autora percebe que esse pânico não decorre da prática em si, mas sim das representações simbólicas que ela acarreta na personalidade, nomeadamente o medo do isolamento e a dificuldade de adaptação às relações interpessoais. É precisamente na fase intermediária da adolescência que as barreiras no âmbito das relações heterossexuais se tornam mais evidentes. Dessa forma, a postura do ambiente imediato da jovem, particularmente a dos pais, sofre uma inflexão abrupta. Frequentemente, esses progenitores passam a exibir complicações adicionais: a mãe que antes negligenciou a educação sexual da filha, por exemplo, sente-se impelida a agir tardiamente, adotando medidas moralizantes que dependem, em grande medida, do grau de normalidade de sua própria vida sexual.

Thompson (1964h) argumenta que o desenvolvimento saudável da jovem está diretamente condicionado à capacidade dos pais de permitirem e incentivarem a conquista de sua autonomia. Sob a ótica clínica da autora, o excesso de proteção e o controle rígido imposto pelos cuidadores geram sofrimentos profundos na adolescente, configurando-se como dinâmicas que decorrem, quase na totalidade, de conflitos neuróticos dos próprios pais projetados sobre a filha. Assim, as fragilidades e as inibições presentes no ambiente doméstico fragilizam a jovem em suas interações externas, limitando sua capacidade de estabelecer fronteiras psíquicas seguras na transição para a vida adulta.

Thompson (1964h) considera que essas fragilidades estruturais, por sua vez, manifestam-se de forma contundente na experiência do sexo casual, esfera na qual a subjetividade feminina tende a sofrer de maneira mais acentuada. Ao analisar essa vulnerabilidade, nota-se que a mulher geralmente vivencia maiores conflitos existenciais e encara o ato genital com um rigor ético superior, muitas vezes nutrindo a expectativa inconsciente de encontrar um vínculo afetivo

duradouro. Consequentemente, a jovem depara-se com a desilusão quando o encontro se revela apenas um capricho passageiro. Ademais, a teorização de Thompson ilumina outro fenômeno recorrente: a atração por parceiros significativamente mais velhos. Essa escolha objetual pode ser interpretada tanto pela busca de estabilidade frente à natureza efêmera das relações juvenis quanto por uma fixação na figura paterna, da qual a jovem espera obter a proteção outrora negligenciada. Contudo, a análise crítica dessas relações revela seu caráter frequentemente desastroso, uma vez que o desequilíbrio de poder inerente à disparidade de idade tende a perpetuar dinâmicas de submissão, diz ela.

Em síntese, as formulações de Thompson sobre a adolescência demonstram como a psicopatologia feminina tem origem no contexto familiar, principalmente na relação com os personagens edipianos. Além disso, para ela, a visão da sociedade sobre os fatores biológicos femininos, como a menstruação, é um componente fundamental na origem dos conflitos envolvendo a sexualidade nas mulheres, de forma que a atitude que uma família tem em relação ao desenvolvimento sexual de sua filha pauta, de forma extensiva, como essa mulher lidará com seu corpo e sexualidade no futuro. Desse modo, os desastres resultantes de conflitos relacionados com a masturbação, experiências homossexuais e relacionamentos mal-sucedidos, cujas proporções são frequentemente exageradas na fantasia antes de encontrarem a rejeição, podem se tornar fatores precipitantes de uma doença esquizofrênica.

5.3 A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

Após discutir o desenvolvimento feminino até a adolescência, Thompson (1964i) escreve *Relations with her own sex*, ensaio no qual investiga a construção dos vínculos entre mulheres, delimitando especificamente os contornos daquilo que conceitua como uma relação homossexual. Suas proposições expandem as teses germinais apresentadas no célebre artigo *Changing concepts of homosexuality in psychoanalysis* (Thompson, 1947/1964), texto em que a autora inicia seu questionamento acerca do uso indiscriminado dessa nomenclatura pela psicanálise. Desse modo, ao articular as produções de 1947 e 1964, torna-se possível compreender seu esforço teórico para conferir maior precisão ao conceito, mitigando os equívocos diagnósticos na clínica. Ao longo desta seção, ficará evidente o descontentamento de Thompson com a tendência de se utilizar a homossexualidade como categoria descritiva para qualquer interação social entre indivíduos do

mesmo sexo. Ela sustenta que o termo deve ser rigorosamente reservado aos relacionamentos de natureza erótica e amorosa propriamente ditos.

Em *Changing concepts of homosexuality in psychoanalysis* (1947/2024), Thompson recupera as modalidades de homossexualidade formuladas pela psicanálise freudiana, apresentando a sua própria leitura da teoria sobre o tema. É importante pontuar que o termo utilizado por Freud em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) para designar tal manifestação é "inversão". Sob a ótica de Thompson, o arcabouço freudiano abarca três modalidades fundamentais: a latente, a reprimida e a manifesta, além de pressupor uma disposição homossexual inconsciente ligada à bissexualidade constitutiva de todos os seres humanos. Contudo, enquanto Freud postula que a homossexualidade latente integra a estrutura psíquica universal, podendo expressar-se por vias patológicas ou por meio da sublimação, Thompson (1947/1964) defende que a atenção clínica deve convergir estritamente para as formas reprimida e manifesta. A autora considera que, caso a psicanálise tivesse se limitado a essas duas últimas concepções, o conceito não teria se tornado confuso ou excessivamente elástico na literatura psicanalítica.

De acordo com Freud (1905/2016), há “uma predisposição originalmente bissexual, que no curso do desenvolvimento se transforma em monossexualidade, com alguns resquícios do sexo atrofiado”. Thompson (1947/1964) aponta que, a partir dessa premissa, coexistiriam no psiquismo uma parcela de libido homossexual e outra de libido heterossexual, de modo que, em última instância, o predomínio de uma dessas forças determinaria a orientação predominante do indivíduo. Ela pontua que o Complexo de Édipo Negativo (Invertido) muitas vezes é convocado pela psicanálise clássica para explicar a homossexualidade. Essa bissexualidade original influencia diretamente na escolha do objeto, como Freud explica ao comentar sobre um caso em que:

o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma terna escolha objetual pela mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exibe a terna atitude feminina com o pai e, correspondendo a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe. Essa interferência da bissexualidade torna muito difícil compreender as primitivas identificações e escolhas objetais, e ainda mais difícil descrevê-las de modo inteligível. Também pode ser que a ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade, e não, como apresentei acima, ter se desenvolvido a partir da identificação, pela atitude de rivalidade (Freud, 1923/2011, p.30)

Thompson descreve que além da questão edipiana, uma outra explicação apresentada por Freud (1914/2010) para justificar a escolha homossexual de objeto é o retorno narcísico. De acordo

com ele, é possível observar em pessoas que sofreram perturbações em seu desenvolvimento sexual, como homossexuais, que a escolha de objeto amoroso não segue o modelo da mãe, mas, na realidade, adota um modelo próprio, colocando como objeto de amor o próprio indivíduo e buscando, assim, o seu semelhante. No entanto, Thompson (1947/1964) afirma que nunca compreendeu realmente como essas tendências se tornam conscientes ou evidentes, e diz que as formulações freudianas não esclarecem a dinâmica dos processos que geram a homossexualidade. Além disso, ela critica a tentativa de sustentar que existe um fator constitucional na intensidade para a escolha homossexual. Ela argumenta que é comum, quando há falta de conhecimento de como um processo psíquico funciona, que ele seja categorizado como inato. Embora Thompson não identifique a fonte, esse recurso ao biológico fica evidente no texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (Freud, 1920/2011), no qual ele assume o limite da técnica ao admitir que:

Também aqui existe a possibilidade de fazer remontar ao cunho deixado por influência externa, atuante bem cedo na vida, aquilo que se gostaria de ver como peculiaridade constitucional. E parte dessa aquisição, se realmente ocorreu, deverá também ser creditada à constituição inata. Assim se junta e se mistura continuamente, na observação (Freud, 1920/2011, p. 146)

Segundo Thompson (1947/1964), ainda não estava claro, na literatura de sua época, o motivo pelo qual alguns indivíduos adotavam uma homossexualidade manifestsa, exceto pelas justificativas clássicas de um superego fragilizado ou de uma inabilidade no controle das pulsões libidinais. Diante disso, a autora propõe outro ponto de vista para abordar o tema, descartando, ao menos parcialmente, a fórmula libidinal freudiana ao sugerir que as manifestações homossexuais sejam compreendidas sob a ótica do sintoma, e não como uma entidade clínica isolada. Sob sua perspectiva, torna-se inviável estabelecer uma determinação causal exata para essa escolha de objeto, uma vez que indivíduos submetidos a experiências semelhantes podem desenvolver desfechos e comportamentos psíquicos distintos. Nota-se, contudo, um descompasso crítico nessa formulação. Ao propor o descarte da fórmula libidinal em favor de uma leitura que nega a homossexualidade como uma “entidade clínica”, Thompson parece atribuir a Freud uma rigidez diagnóstica que ele próprio refutava, e que, na realidade, era característica de uma psicanálise posterior a ele, a qual utilizava seu nome como argumento de autoridade. Para Freud (1905/2016; 1920/2011), a inversão nunca foi tratada como uma patologia autônoma ou uma entidade nosológica estrita, mas como um desfecho possível do desenvolvimento psicosexual e da bissexualidade constitucional. Paradoxalmente, ao categorizar a homossexualidade como um

sintoma reativo a frustrações interpessoais, é a própria perspectiva de Thompson que subordina a orientação sexual a um caráter intrinsecamente desadaptativo e, portanto, psicopatológico.

Thompson (1947/1964) aponta que, na infância, antes de os tabus sociais entrarem propriamente em voga, existe um estado de júbilo acrítico referente à estimulação corporal. Nesse período, quando a exploração erótica é compartilhada, o sexo do parceiro não se constitui como um fator limitante. No entanto, a autora pondera que, mesmo em uma sociedade desprovida de repressão sexual, ainda assim seria esperado que os indivíduos priorizassem a via heterossexual por conveniência anatômica. Contudo, ela ressalta que a sexualidade não é pautada apenas por determinantes fisiológicos, uma vez que se mostra profundamente moldada pelas relações interpessoais. Dessa forma, o valor afetivo investido no relacionamento impacta diretamente a dinâmica de satisfação sexual do sujeito.

Dando continuidade às suas reflexões, Thompson (1947/1964) aponta como a homossexualidade é vista em diversos contextos sociais e explica a influência que a moralidade tem nesses comportamentos. Nesse cenário, a assimetria que aparece entre a homossexualidade feminina e masculina se sustenta a partir da aceitação social que recebem. Enquanto a homossexualidade masculina manifesta não é aceita na maior parte das sociedades, com exceção de alguns casos históricos envolvendo a antiguidade, nota-se que as mulheres têm uma maior permissão para intimidade física em suas relações. A autora explica, a partir de Ferenczi (1914/1994), que essa licença não se estende aos homens, já que, segundo o autor, o tabu ligado à homossexualidade tem como consequência uma heterossexualidade compulsória que afeta inclusive as amizades, de modo que as relações de toque masculinas são mais repudiadas.

Em contrapartida ao rigor punitivo aplicado às relações masculinas, Thompson (1947/1964) observa que as dinâmicas homossexuais femininas possuem estratégias de ocultamento facilitadas pela própria cultura. De acordo com ela, a desaprovação social, muitas vezes, não ocorre se as integrantes do casal não exibirem sua “inversão” publicamente, ou seja, se comportarem e se vestirem como típicas mulheres heterossexuais. A autora ainda explica que, mesmo quando uma das parceiras se caracteriza de forma masculina, elas não são vistas necessariamente como tabu, mas sim como um par peculiar. Para além do fator sociocultural, Thompson introduz uma hipótese de ordem fisiológica para explicar essa maior permissividade. Conforme apresentado anteriormente, enquanto a atração sexual masculina tem uma expressão corporal clara, a ereção, o

relacionamento entre duas mulheres pode passar relativamente despercebido por não apresentar um correlato anatômico tão evidente.

Thompson (1947/1964) adensa sua análise social ao destacar o impacto do isolamento feminino causado pelas barreiras relacionais vigentes em meados do século XX. A autora pontua que, enquanto os homens constantemente tinham contato com mulheres em diversos ambientes, como no trabalho, a esfera feminina permanecia severamente restrita ao ambiente doméstico e à supervisão social. Para ela, essa dinâmica social tornava o convívio íntimo e exclusivo entre mulheres uma prática comum e socialmente invisível. Diante disso, é possível relacionar as ideias apresentadas por Thompson a algumas descrições freudianas contidas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016). As mulheres descritas pela autora assemelham-se ao que Freud define como “invertidos ocasionais”, ou seja, pessoas cuja escolha de objeto homossexual não decorre de uma fixação estrutural interna, mas sim de contingências externas de privação e indisponibilidade de parceiros heterossexuais. Assim, Thompson confirma a hipótese de que “quando as circunstâncias externas tornam a prática da heterossexualidade temporária ou permanentemente impossível, como no caso das mulheres ou dos homens em situações de isolamento, a sociedade se mostra mais tolerante em relação à homossexualidade” (Thompson, 1947/1964). A homossexualidade feminina manifesta surge, portanto, frequentemente, como uma resposta adaptativa a esse isolamento e ao próprio descarte social de mulheres que já não atendiam aos critérios compulsórios de juventude e atratividade exigidos pelo mercado matrimonial da época.

O contraponto estabelecido por Thompson (1947/1964) indica que a homossexualidade masculina manifesta, operando em um meio de livre circulação, tenderia a ser interpretada pela literatura da época como um desfecho atrelado a conflitos psíquicos intrínsecos, e não a pressões situacionais do ambiente. A autora reforça que as assimetrias que restringem o comportamento dos meninos não operam da mesma forma com as meninas. Uma garota com comportamentos tipicamente associados ao masculino pode ser até mesmo exaltada na infância, sendo classificada como uma *tomboy*. A mesma tolerância não acontece com garotos, pois um menino com comportamentos femininos é constantemente ostracizado e repreendido. Essa disparidade precoce indica que a punição social direcionada ao garoto visa garantir os critérios rígidos de masculinidade exigidos pela cultura, operando como um mecanismo de coerção que se antecipa às próprias escolhas objetais.

Do ponto de vista metapsicológico, Thompson (1947/1964) conclui que a homossexualidade possui um caráter psicopatológico, porém não deve ser tratada como uma entidade clínica autônoma ou uma nosologia em si, mas compreendida estritamente como um sintoma. Ela exemplifica comparando de forma didática a homossexualidade a uma dor de cabeça que pode ter várias origens, mas resulta em um sintoma em comum. Além disso, Thompson discorre sobre como a homossexualidade manifesta está ligada a uma imaturidade do indivíduo, ideia que corrobora sua hipótese de que sujeitos saudáveis, mesmo sem uma repressão social, escolheriam a heterossexualidade como prática. Ao finalizar seu artigo, a autora não descarta que o amor maduro entre duas pessoas do mesmo sexo possa existir; no entanto, essa experiência é considerada rara. Para ela, se o indivíduo tivesse alcançado o nível de desenvolvimento necessário, escolheria o objeto heterossexual. Consta-se que Thompson sustentava a concepção da homossexualidade como sintoma desde o texto *Analytic observations during the course of a manic-depressive psychosis* (Thompson, 1930/1964), no qual relata a relação de Marian com Olga e aponta que a paciente utiliza a parceira como modo de apaziguar seus sentimentos de inferioridade.

Em suma, em *Changing concepts of homosexuality in psychoanalysis* (1947/1964), Thompson faz um esforço para introduzir determinantes socioculturais, muito embora ainda mantivesse a premissa de que a heterossexualidade representaria o ápice do amadurecimento psíquico e afetivo do indivíduo. A construção da homossexualidade como um sintoma surge como uma tentativa de reafirmar que tal arranjo pode ter origens diversas; todavia, a autora continua caracterizando essa orientação como primariamente patológica, destacando como o ambiente pode influenciar essa escolha de objeto. Esse debate é retomado em outros momentos de sua obra, porém é em *Relations with her own sex* (Thompson, 1964i) que ela se propõe a analisar o assunto novamente de forma mais aprofundada.

Em *Relations with Her Own Sex* (1964i), Thompson discorre sobre o papel das relações entre pessoas do mesmo sexo no desenvolvimento feminino, estabelecendo, de início, uma definição estrita ao esclarecer que designa como homossexuais apenas os indivíduos que participam ativamente de práticas sexuais com parceiros do mesmo sexo. Sob esse pressuposto, ela retoma a correlação entre homossexualidade manifesta e imaturidade ao mapear a evolução dos laços afetivos desde a infância. Thompson pontua que, até aproximadamente os oito anos de idade, as crianças brincam de forma integrada, sem que a distinção de gênero se imponha. É na pré-adolescência, contudo, que essa diferença se torna imperativa. Para ela, essa fase marca um salto

qualitativo fundamental no desenvolvimento psíquico por meio da interação com os pares, pois, pela primeira vez, o bem-estar de outro ser humano passa a ser considerado tão importante quanto o próprio. É nesse contexto de descoberta da alteridade e de intensa comunicação sobre as transformações corporais da puberdade, como a menarca e a ereção, que os laços se estreitam. Ocorre aqui a eleição de uma “melhor amiga” dentro do grupo, configuração na qual sentimentos e experiências sexuais latentes podem emergir. Thompson enfatiza que tais manifestações configuram um “período de amor homossexual normal” (Thompson, 1964i), o qual só passa a ser encarado como um problema caso a ansiedade ou a intervenção direta dos adultos patologize o processo.

À medida que o desenvolvimento avança para a adolescência propriamente dita, Thompson (1964i) aponta que, em uma jovem saudável, o investimento afetivo e a atenção tendem a ser progressivamente realocados para as figuras masculinas, transformando o interesse pelos rapazes no principal tema de debate entre o grupo. Esse deslocamento, contudo, altera profundamente a dinâmica relacional das garotas. A adolescência passa a ser palco de uma intensa competição feminina por popularidade e validação social no mercado afetivo, um fenômeno cultural de rivalidades e alianças que, sob uma análise contemporânea, guarda perfeita simetria com a forma como a própria indústria cinematográfica hollywoodiana continua retratando a adolescência até os dias atuais.

Segundo Thompson (1964i), após o casamento, é comum que a mulher redirecione seu foco novamente para as interações femininas. É com as amigas que ela compartilha as demandas do cotidiano enquanto o cônjuge trabalha, estabelecendo uma proximidade que pode atingir um nível de intimidade similar ao da adolescência, no qual o tópico de discussão passa a ser o casamento, os filhos e até mesmo as dificuldades sexuais da vida matrimonial. Dessa forma, ela argumenta que a dinâmica afetiva de uma mulher pode não apresentar uma linha tão definitiva entre a normalidade e a patologia. No entanto, para a autora, a homossexualidade manifesta-se invariavelmente como patológica, ainda que o sujeito esteja satisfeito e feliz em suas escolhas.

Alinhada ao conceito de homossexualidade como sintoma apresentado originalmente em *Changing Concepts of Homosexuality in Psychoanalysis* (1947/1964), Thompson demonstra, em seu texto de 1964, que essa manifestação não é homogênea. A autora exemplifica tal diversidade por meio do caso clínico de uma paciente na faixa dos 50 anos que, após vivenciar uma profunda insatisfação no casamento, apaixonou-se por outra mulher. Na dinâmica desse novo laço, a mulher,

cuja estrutura de personalidade se mostrava bastante dependente, encontrou na companheira o suporte e as características afetivas que faltavam em seu cônjuge, mantendo esse vínculo pelo resto da vida. Thompson (1964i) sublinha que há um componente patológico subjacente a essa escolha de objeto, interpretando-a não como uma homossexualidade estrutural, mas sim como uma solução sintomática diante do sofrimento conjugal. Sob a ótica da autora, caso a paciente não estivesse inserida em um ambiente sociocultural conservador que interditava o divórcio, sua tendência natural seria dissolver o matrimônio e buscar um novo arranjo heterossexual, evidenciando como as contingências externas moldaram a direção de seu sintoma.

Com o objetivo de ilustrar um nível de funcionamento patológico ainda mais intenso e invasivo, Thompson (1964i) introduz um segundo caso clínico, o de uma paciente que relatava uma intensificação severa e compulsiva de seus impulsos homossexuais. No decorrer da análise, constatou-se que esse sintoma tinha origem na profunda insatisfação com as relações sexuais no casamento, dinâmica que gerou uma aversão fóbica que a levava a pressentir, de maneira intrusiva, a própria ereção do marido. Para a autora, este cenário exemplifica como o sintoma homossexual pode operar como uma defesa psíquica radical, cujo propósito é erguer uma barreira contra o sofrimento e a invasão vivenciados na relação heterossexual institucionalizada. Ao longo do processo analítico, observou-se que a paciente apresentava uma forte demanda regressiva por ser maternada e cuidada, o que não obtinha em seu casamento. Antes do matrimônio, ela era uma mulher bem-sucedida e determinada que realizou um arranjo condizente com seus objetivos, o que a fez feliz temporariamente. Porém, após o nascimento de sua filha, a insatisfação de seus desejos tornou-se evidente, desencadeando o aumento dos impulsos homossexuais. Sob a lente conceitual da autora, o caso serve para demonstrar como a homossexualidade emerge como um sintoma de imaturidade ligado a desejos regressivos de amparo. Todavia, essa leitura revela o limite clínico da própria Thompson, que tendeu a psicopatologizar como imaturidade o que se configurava como um esgotamento subjetivo da mulher diante das exigências compulsórias da maternidade e do isolamento conjugal.

Na tentativa de mapear as razões dessa maior aceitação social, Thompson (1964i) diz que a homossexualidade feminina não resulta em gravidez, o que faz com que, em contextos mais conservadores, a intimidade entre mulheres seja mais tolerada do que o sexo heterossexual fora do casamento. Para ilustrar essa hipótese, a autora cita o caso de uma de suas pacientes que, embora mantivesse um relacionamento amoroso com outra mulher, achou inadmissível que uma amiga

tivesse se relacionado com um homem antes do matrimônio, considerando o ato imoral e rompendo a amizade. Além disso, aponta-se que as exigências do padrão de beleza feminino constituem um obstáculo capaz de direcionar a mulher à homossexualidade. Sob essa ótica, mulheres não consideradas atraentes socialmente podem, devido à dificuldade de encontrar parceiros homens, renegá-los por completo, procurando afeto em outras mulheres. Outro fator importante descrito pela autora é o de que o amor por outra mulher guarda um caráter familiar para a garota, já que sua primeira relação investida de libido ocorre com a figura materna, fazendo com que o laço homossexual feminino se mostre como a repetição de um registro conhecido.

No exame das nuances do desenvolvimento identitário, observa-se que o desejo de ser um menino é encontrado em algumas mulheres, sendo a identificação com o masculino apontada por Thompson (1964i) como um possível indicador de uma futura homossexualidade. A autora pontua que parte das mulheres que lutaram por seus direitos na sociedade, muitas vezes, renegaram os homens por completo. Em *The role of women* (1941/1964), ela já havia apresentado a ideia de que a identificação masculina ocorria, frequentemente, devido à falta de exemplos femininos que ocupassem espaços sociais até então novos para as mulheres, como o trabalho, o que fazia com que elas agissem como um homem. Dessa forma, é possível inferir que a homossexualidade feminina pode ser um dos possíveis reflexos desse movimento.

Em suma, a análise de Clara Thompson sobre a homossexualidade demonstra que o distanciamento das normas heterossexuais estava intrinsecamente ligado aos conflitos culturais de meados do século XX. O laço sexual entre duas mulheres era visto pela autora como patológico, mas não com a mesma intensidade que a interação entre dois homens, podendo ter origem em cenários variados e ocorrer por múltiplos motivos, tais como a repetição de uma intimidade familiar primeva com a mãe ou a rejeição aos papéis impostos pelos homens na sociedade. Quando Thompson relaciona a busca por independência ao manejo de defesas ou àquelas identificações masculinas acentuadas, evidencia-se o mapeamento dos custos psíquicos envolvidos nessa transição social.

5.4 A MEIA-IDADE

O último texto analisado neste trabalho é o capítulo *Middle Age* (Thompson, 1964f), o qual marca o fechamento da produção da autora ao investigar as vicissitudes da meia-idade e da

menopausa. Para Thompson, essa fase é frequentemente associada à ideia de inércia, como se o indivíduo já tivesse ultrapassado seu ápice entre os 40 e 60 anos. Entre 1900 e 1930, Freud acreditava que o complexo processo de tornar-se mulher exauria os poderes adaptativos a ponto de, aos trinta anos, a personalidade feminina já se encontrar fixa e rígida, como se a capacidade de mudança terminasse muito antes da meia-idade. Embora o fundador da psicanálise tenha sido um observador preciso, suas formulações tendiam a localizar essas dinâmicas sob um viés marcadamente biológico, limitando a abertura para transformações posteriores. Na realidade, qualquer fator que limite o desenvolvimento de um sujeito propicia seu enrijecimento precoce, visto que aqueles que conseguem vislumbrar um futuro de expansão subjetiva tendem a preservar sua vitalidade.

Thompson (1964f) comenta que levando em consideração esses fatores, depreende-se que a experiência da meia-idade depende intrinsecamente das forças sociais e da estrutura da personalidade, não se reduzindo a um marco cronológico definitivo. Trata-se de um período de equilíbrio relativo, uma espécie de pausa vital antes que o vigor físico decline. Durante esse estágio, as mulheres encerram sua capacidade reprodutiva, processo marcado pela cessação dos ciclos menstruais e por um reajuste do equilíbrio endócrino. Thompson percebe que, diante dos avanços da medicina e dos cuidados pessoais, as mulheres já não precisam antecipar com pavor os desconfortos físicos dessa transição. Ela observa que muitas manifestam raros sintomas desagradáveis além do término da menstruação.

Thompson (1964f) aponta que o verdadeiro impacto desse período não reside nas condições somáticas por si sós, mas na tomada de consciência a respeito da “vida não vivida”. A transformação corporal coloca a mulher abruptamente diante do envelhecimento, despertando o desânimo de que agora possa ser tarde demais. Esse risco acentua-se para aquelas que dependiam excessivamente dos critérios de atratividade exigidos pelo mercado matrimonial, discutidos na seção anterior, para sustentar a própria autoestima. Contudo, no que tange à vida sexual, a autora ressalta que o desfrute erótico prévio à menopausa tende a se estender, em muitos casos, até a velhice.

Simultaneamente, conforme observa Thompson (1964f), os filhos no arranjo familiar médio atingem a adolescência quando os pais têm cerca de quarenta e cinco anos, iniciando o movimento de saída do lar para gerir suas próprias vidas. Embora a autora caracterize o limiar da meia-idade como um período de crise disparado por esse novo modo de existência, ela defende que essa

transição não precisa ser assumida como trágica ou pautada pelo esforço frenético de reter a juventude. Pelo contrário, sob a perspectiva de Thompson, a vertente mais feliz dessa fase reside na sensação de realização. No âmbito profissional, ela localiza a oportunidade de reconhecimento e sucesso como o cumprimento das promessas anteriores. É um momento propício para o retorno a antigos interesses e, mesmo que a história pregressa tenha deixado marcas na personalidade, a autora considera que ocorre um renascimento com mais possibilidades de crescimento do que nunca. Para tanto, a elaboração proposta por Thompson exige que o sujeito encare o fato de que os anos perdidos não serão recuperados, buscando viver plenamente o presente, pois a meia-idade não invalida o desfrute dos prazeres e satisfações possíveis.

Por conseguinte, as últimas produções de Thompson configuram-se como a consumação de suas elaborações anteriores, de modo que a autora busca consolidar os ensaios sobre a feminilidade desenvolvidos nas décadas precedentes, expandindo seus fundamentos e conferindo ainda mais densidade a essas produções teóricas anteriores. Suas ideias articulam-se de forma a acompanhar o desenvolvimento físico, mental e sexual das mulheres. Ao percorrer as diferentes fases da vida, desde as primeiras descobertas na infância até as transformações da menopausa e da meia-idade, a autora evidencia que a biologia dita o ritmo inicial, mas são a cultura e as relações interpessoais os fatores principais que moldam a experiência de ser mulher. Ademais, ela apresenta uma visão de como o envelhecimento se transformou de um século para o outro, caracterizando a mulher mais velha estadunidense como um sujeito sexualmente ativo e repleto de objetivos. Desse modo, seu pensamento deixa um legado fundamental para a psicanálise, demonstrando que a identidade feminina é uma construção contínua, tecida tanto pelas contingências do corpo quanto pelas respostas da mulher diante das pressões e possibilidades de seu tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho, foi possível observar que as ideias de Thompson sobre a feminilidade foram elaboradas a partir de suas experiências pessoais e do seu descontentamento com o que ela considerava, uma visão androcêntrica e datada predominante na psicanálise até então. Em seus textos, ela procura argumentar que a biologia é importante para o desenvolvimento feminino, mas é utilizada como justificativa para aspectos da vida que possuem gênese na cultura.

Seus trabalhos iniciais, *Analytic Observations during the Course of a Manic-Depressive Psychosis* (1930/1964) e *Identification with the Enemy and Loss of the Sense of Self* (1940/1964), demonstram, a partir de exemplos clínicos, como a identificação e a imitação permeiam a identidade humana. Ao apresentar o caso de Marian e seus diversos meios de identificação e imitação, a autora questiona como esses processos psíquicos ocorrem, buscando explicitar como a dinâmica familiar continua sendo central para o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos. No texto de 1940, fica mais nítida sua concepção sobre como a cultura molda o comportamento dos indivíduos, e a grande inovação de Thompson acontece não quando ela observa a identificação e a imitação no âmbito interpessoal doméstico, mas sim quando analisa esses processos em larga escala, discutindo como funcionam em regimes ditatoriais⁸. Ao apresentar a possibilidade de que parte de uma população imite o comportamento e os valores de um grupo dominante, como modo de proteção, e outra parte realmente se identifique com eles, introjetando-os, a autora abre caminho para compreender a feminilidade como um desses processos, retirando parte do papel desempenhado pela determinação biológica.

Em seus textos iniciais sobre a feminilidade, publicados entre as décadas de 1940 e 1950, Thompson pontua como o feminino consiste em uma construção na qual o inato e o biológico exercem influência, visto que certas funções reprodutivas são reservadas às mulheres, mas são as atitudes da sociedade que definem, em grande parte, o valor atribuído a essas atividades e o impacto delas na vida feminina. De acordo com a autora, esse cenário diferia do vivenciado pelas mulheres do século XIX, que tendiam a se contentar mais com seu papel social por usufruírem de uma melhor compensação por ocupar esse lugar, fosse ela derivada da criação dos filhos ou da segurança econômica. O mesmo não se aplicava à mulher estadunidense do século XX, principal objeto de

⁸ É importante pontuar que a intersecção entre psicanálise e cultura acontece desde o início da obra freudiana

análise de Thompson. Muitas delas sofriam ao tentar se identificar com um modelo de feminilidade que não se encaixava mais em sua realidade prática. Isso se devia, em parte, ao fato de que ter um número elevado de filhos tornou-se difícil devido à situação econômica de instabilidade financeira, resultante da crise de 1929, assim como pela maior acessibilidade ao divórcio. Dessa forma, surgiu uma nova alternativa no universo feminino: a identificação com os homens e com a liberdade econômica e emocional que eles possuíam, embora essa postura colidisse com os valores tradicionais ensinados na maior parte dos lares estadunidenses.

Essa ampla gama de possibilidades fez com que as mulheres se angustiassem constantemente, pois o horizonte que conciliava casamento, emprego e família já não se desenhava de forma clara, ao passo que elas tampouco desejavam adotar o estilo de vida de suas mães e avós. Dessa forma, a feminilidade passava por uma crise, e a população feminina começou a perceber que ocupava uma posição de inferioridade semelhante à de indivíduos sob regimes autoritários. No entanto, em vez de estarem submetidas a uma ditadura política, as mulheres sentiam-se inseridas nas amarras do patriarcado.

De maneira geral, Thompson descreve como as mulheres estavam lidando com essa mudança social que desestabilizava seu lugar no mundo; ela enfatiza que a mulher não é idêntica ao homem, de modo que se comportar e se identificar nos moldes masculinos pode trazer consequências negativas para sua vida. Além disso, a autora explica como a visão que a sociedade apresentava sobre o feminino dificultava a existência da mulher, contribuindo diretamente para o surgimento de conflitos psíquicos. Para ela, a própria psicanálise tinha um papel importante na manutenção de ideias anacrônicas sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, uma vez que a teoria tradicional frequentemente universalizava as normas culturais da era vitoriana como se fossem leis biológicas.

Em seu livro inacabado sobre o desenvolvimento feminino, a autora realiza uma síntese de suas proposições sobre o tema, louvando inicialmente Freud e a psicanálise pelo estudo sobre a sexualidade feminina, o qual, de certa forma, mostrou-se revolucionário para a época de sua escrita original. Contudo, ela aponta que Freud e seus contemporâneos falharam ao generalizar para metade da espécie humana pressupostos que funcionavam, com ressalvas, apenas para uma pequena amostra da população: as mulheres vitorianas. Com isso, Thompson dedica seus últimos textos ao desenvolvimento da mulher estadunidense, abarcando desde os aspectos biológicos da juventude até a meia-idade, de forma a mapear como esse processo se constitui.

Thompson explica que a adolescência é uma fase central para o desenvolvimento sexual, momento em que os indivíduos começam a manifestar empatia e a se preocupar com o outro. Ela comenta que, no século XX, a liberdade sexual difundiu-se entre os jovens, de modo que o antigo conflito da castidade deu lugar a uma hiperliberdade que, por vezes, resultou em promiscuidade, transformando o sexo em moeda de troca. Ou seja, a sexualidade permaneceu como uma área conflituosa, manifestando-se apenas sob uma nova roupagem. Além disso, é nessa etapa que a menstruação se inicia e, segundo Thompson, o sangramento é frequentemente percebido como algo sujo, devido a uma associação inconsciente com os processos de eliminação intestinal. A autora argumenta que a impossibilidade de controle fisiológico desse fluxo contrasta radicalmente com o domínio voluntário do esfíncter anal e, em uma sociedade que supervaloriza o controle, torna-se comum que as mulheres se sintam inconscientemente inferiores em relação a essa função biológica.

Dando continuidade ao ciclo do desenvolvimento, um dado importante que perpassa as propostas de Thompson é a extrema relevância das relações interpessoais, com especial ênfase nas amizades femininas ao longo de toda a vida, sendo estas descritas como necessárias para um crescimento saudável. No entanto, a autora pontua, de maneira categórica, que esse relacionamento, caso se mantenha homossexual durante a idade adulta, assume um caráter patológico. Apesar de ostentar uma visão liberal e bastante progressista para sua época, Thompson afirmava que, no desenvolvimento normal, é comum a existência de uma fase homossexual que deve ser superada. Ao analisar a homossexualidade na maturidade, ela a reduziu a um sintoma psicopatológico e, em relação à variante feminina, enfatizou que o isolamento social contribuía para o surgimento de tal manifestação. Desse modo, a autora se mostrou mais conservadora do que o próprio Freud, ao insistir que, em condições normais e saudáveis, a única escolha madura viável seria a heterossexualidade.

De modo geral, os escritos de Clara Thompson sobre feminilidade configuram-se como uma análise social de sua época, frequentemente utilizando vinhetas clínicas psicanalíticas para ilustrar e justificar suas ponderações. Por esse motivo, inovações conceituais diretas no cerne da teoria psicanalítica mostram-se escassas quando comparadas às de autoras contemporâneas como Karen Horney, que se empenhava em reformular as bases da própria psicanálise para fundamentar suas críticas sociais. Thompson, por sua vez, pode ser caracterizada como uma excelente observadora das vivências femininas de seu tempo, mapeando como as mulheres do século XX se sentiam e evidenciando, assim, seus conflitos psíquicos e sociais. Além disso, ela mostra-se uma

exímia analista da psicanálise em geral, cujos textos visam à clareza pedagógica para seus leitores e alunos, contribuindo significativamente para a compreensão das dinâmicas sociais. Suas críticas a outros analistas são plenamente válidas, sobretudo no que tange à feminilidade e à sexualidade; no entanto, em certos quesitos, a autora revela-se tão limitada quanto os teóricos que contesta, expressando visões hoje consideradas datadas sobre a homossexualidade ou mesmo sobre o sexo não consensual. Por fim, seu contato com Sándor Ferenczi, Erich Fromm e a própria Horney constitui a maior influência em sua obra sobre o feminino, sendo que Ferenczi moldou, prioritariamente, sua postura clínica no manejo com os pacientes, enquanto Fromm e Horney subsidiaram seu olhar crítico acerca da condição da mulher.

O modo como Thompson analisa a inveja do pênis, por exemplo, é bem parecido com as proposições de Horney sobre o assunto, apontando que não existe uma inveja inata feminina relacionada ao órgão masculino, mas sim uma inveja do lugar e dos privilégios que os homens possuem na sociedade. Ao longo de sua produção teórica, essa crítica ganha ainda mais densidade clínica ao demonstrar que a inveja feminina não possui raízes biológicas e raramente se enquadra no que Freud conceitua como inveja do pênis. Assim como Horney (1926), Thompson sustenta que a função sexual feminina é essencialmente diferente, e não inferior, à anatomia e à dinâmica masculinas.

Torna-se evidente, ao analisar a biografia e a obra de Clara Thompson, que a vida da autora exemplifica suas próprias ideias sobre a feminilidade. Ela foi uma mulher não convencional para sua época: médica e psicanalista que nunca se casou ou teve filhos, rompendo com as expectativas sociais vigentes. Ao se dedicar ao amor e ao trabalho, Thompson elegeu justamente essas vivências como os pilares de sua produção teórica, demonstrando que a subjetividade feminina não pode ser apartada de seu contexto histórico e político. Dessa forma, sua trajetória e sua obra confluem para um mesmo propósito: desbiologizar o destino das mulheres e construir, dentro do campo psicanalítico, uma teoria profundamente implicada com a emancipação e a clínica da existência feminina.

REFERÊNCIAS

- ARON, L.; HARRIS, A. Sándor Ferenczi: Discovery and Rediscovery. *Psychoanalytic Perspectives*, v. 7, n. 1, p. 5–42, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1551806X.2010.10473072>.
- CALADO, A. B. M. et al. Avaliação da função sexual feminina e a ocorrência da sua disfunção. *Anais da Faculdade de Medicina de Olinda*, v. 1, n. 13, p. 1–12, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.56102/afmo.2025.395>.
- CAMPOS, A. A. A mulher como objeto de direito de propriedade Andrea Campos. In: *Manual Jurídico Feminista*, 2019.
- CAROPRESO, F.; CROMBERG, R. U. (orgs.). *Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.
- D'ERCOLE, A. *Clara M. Thompson's early years and professional awakening: An American psychoanalyst*. New York: Routledge, 2022a.
- D'ERCOLE, A. *Clara M. Thompson's professional evolution and legacy: An American psychoanalyst*. New York: Routledge, 2022b.
- D'ERCOLE, A. The Lost Story of Clara Thompson: Love, “The Kiss” and Repair. *Contemporary Psychoanalysis*, v. 60, n. 3–4, p. 269–281, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00107530.2025.2543225>.
- DEUTSCH, H. *The Psychology of Women: a psychoanalytic interpretation*. [S. l.]: Kindle Edition, 2013. E-book. Trabalho original publicado em 1944.
- FALZEDER, E. *Psychoanalytic filiations: Mapping the psychoanalytic movement*. London: Routledge, 2019.
- FERENCZI, S. *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- FERENCZI, S. A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte. Tradução Álvaro Cabral. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, volume IV: psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. p. 47–51. Trabalho original publicado em 1929.
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. Tradução Álvaro Cabral. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, volume IV: psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992b. p. 97–106. Trabalho original publicado em 1933.
- FERENCZI, S. Thalassa: uma teoria da genitalidade. Tradução Álvaro Cabral. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, volume III: psicanálise III. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 253–323. Trabalho original publicado em 1924.

FERENCZI, S. Análise psicanalítica de hábitos sexuais. Tradução Álvaro Cabral. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, volume III: psicanálise III. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 385-398. Trabalho original publicado em 1925.

FLAX, J. Resisting woman. *Contemporary Psychoanalysis*, v. 38, n. 2, p. 257–276, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00107530.2002.10747100>.

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006. Trabalho original publicado em 1936.

FREUD, Sigmund. A moral sexual “civilizada” e a doença nervosa moderna (1908). In: FREUD, Sigmund. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O Homem dos Ratos"), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 9, p. 81-112.

FREUD, S.; BREUER, J. *Obras completas*, volume 2: estudos sobre a histeria (1893-1895). Tradução Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. Trabalho original publicado em 1914.

FREUD, S. A pulsão e seus destinos. Tradução Paulo César de Souza. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51–80. Trabalho original publicado em 1915.

FREUD, S. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (*Obras completas*, v. 17). Trabalho original publicado em 1926.

FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 119-150. Trabalho original publicado em 1920.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 16: autobiografia, o eu e o id e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 101-122. Trabalho original publicado em 1924.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-128. Trabalho original publicado em 1905.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Trabalho original publicado em 1931.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas*, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Trabalho original publicado em 1933.

FROMM, E. Sex and character. *Psychiatry*, v. 6, n. 1, 1943.

GOMES, G. D. *Sándor Ferenczi e seus interlocutores: silenciamento, desenvolvimento e disputa*. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: Biblioteca Digital da USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2024.tde-03042025-154646>.

GREEN, M. R. Her life. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: The selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. p. 347–377.

HOCK, H. *The pill and the college attainment of American women and men*. SSRN Electronic Journal, 2008.

HORNEY, K. A gênese do complexo de castração nas mulheres. In: CAROPRESO, F.; CROMBERG, R. U. (orgs.). *Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025. p. [páginas aqui]. Trabalho original publicado em 1923.

HORNEY, K. The Flight from Womanhood: The Masculinity-Complex in Women, as Viewed by Men and by Women. In: KELMAN, H. (ed.). *Feminine Psychology* [by] Karen Horney. New York: W. W. Norton & Company, 1967. p. 54-70. Trabalho original publicado em 1926.

HORNEY, K. The Dread of Woman. In: KELMAN, H. (ed.). *Feminine Psychology* [by] Karen Horney. New York: W. W. Norton & Company, 1967. p. 133-146. Trabalho original publicado em 1932.

ILIĆ, B. An overview of female sexuality in the Victorian era. *Lipar: list za književnost, umetnost i kulturu*, 2025.

JONES, O. Tomboy tales: The rural, nature and the gender of childhood. *Gender, Place & Culture*, v. 6, n. 2, p. 117–136, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09663699925060>.

MACHADO, B. J. M. de et al. Doença de Huntington e os transtornos de humor. In: CONGRESSO DAS ACADÊMICOS DE MEDICINA DO ESTADO DE GOIÁS, 1., 2019. *Anais [...]*. Anápolis: Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA, 2019. p. 107. Suplemento 3. Disponível em: RESU - Revista Educação em Saúde, v. 7, 2019.

MAY, E. “Family Values”: The Uses and Abuses of American Family History. *Revue française d'études américaines*, v. 97, n. 3, p. 7-22, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rfea.097.0007>.

MELO, J. R.; ALMEIDA, M. T. F. de. O surgimento da psicanálise: uma escuta do sintoma e da histeria. *Psicologia em Ênfase*, v. 11, n. 15, p. 96–106, 2020.

MENEGON, C.; SILVA, E. W. D. A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. *Gênero & Direito*, v. 4, n. 3, p. 122-139, 2015.

NASZKOWSKA, K. Prefácio. In: CAROPRESO, F.; CROMBERG, R. U. (orgs.). *Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

NUNES, M. A Policlínica de Berlim: utopia freudiana?. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 12, n. esp., p. 50-56, set. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jul. 2026.

O SORRISO de Mona Lisa. Direção: Mike Newell. Roteiro: Lawrence Konner; Mark Rosenthal. Elenco: Julia Roberts, Kirsten Dunst, Julia Stiles, Maggie Gyllenhaal. Estados Unidos: Revolution Studios; Columbia Pictures, 2003. 1 filme (117 min).

RIVIERE, J. Womanliness as a masquerade. In: *Female Sexuality*. London: Routledge, 2018. p. 172–182. Trabalho original publicado em 1929.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Trabalho original publicado em 1997.

SHAPIRO, S. Clara Thompson: Ferenczi's messenger with half a message. In: ARON, L.; HARRIS, A. (eds.). *The legacy of Sándor Ferenczi*. Hillsdale: The Analytic Press, 1993. p. 159–174.

SILVA, L.; FERRARI, A. G. A atualidade de Karen Horney: reflexões epistemológicas. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 12, n. 23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.69751/arp.v12i23.5069>.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. Considerações preliminares acerca de um método histórico conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In: FULGENCIO, L. et al. (orgs.). *Modalidade de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 11–28.

STERN, D. B. Interpersonal psychoanalysis: History and current status. *Contemporary Psychoanalysis*, v. 53, n. 1, p. 69–94, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00107530.2016.1274870>.

THOMPSON, C. M. *Psychoanalysis: Evolution and development*. New York: Hermitage House, 1950.

THOMPSON, C. M. A study of the emotional climate of psychoanalytic institutes. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1958.

THOMPSON, C. M. Adolescence. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964a.

THOMPSON, C. M. Analytic observations during the course of a manic depressive psychosis. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1930.

THOMPSON, C. M. Biologic Aspects. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964b.

THOMPSON, C. M. Changing concepts of homosexuality in psychoanalysis. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1947.

THOMPSON, C. M. Childhood. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964c.

THOMPSON, C. M. Cultural pressures in the psychology of women. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1942.

THOMPSON, C. M. Development of awareness of transference in a markedly detached personality. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1938.

THOMPSON, C. M. "Dutiful child" resistance. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1931.

THOMPSON, C. M. Dynamics of hostility. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1959.

THOMPSON, C. M. Ferenczi relaxation method. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964e.

THOMPSON, C. M. Ferenczi's contribution to psychoanalysis. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1944.

THOMPSON, C. M. Identification with the enemy and loss of the sense of self. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1940.

THOMPSON, C. M. Middle Age. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964f.

THOMPSON, C. M. Penis envy. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1943.

THOMPSON, C. M. Psychoanalytic Theories. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964g.

THOMPSON, C. M. Psychopathology of Adolescence. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964h.

THOMPSON, C. M. Relation with her own sex. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964i.

THOMPSON, C. M. Sándor Ferenczi, 1873–1933. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1934.

THOMPSON, C. M. Some effects of the derogatory attitude towards female sexuality. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1950.

THOMPSON, C. M. Sullivan and Fromm. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1956.

THOMPSON, C. M. Sullivan and psychoanalysis. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original Blanchard em 1952.

THOMPSON, C. M. The role of women in this culture. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1941.

THOMPSON, C. M. Transference as a therapeutic instrument. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1948.

THOMPSON, C. M. Working women. In: GREEN, M. R. (ed.). *Interpersonal psychoanalysis: the selected papers of Clara M. Thompson*. New York: Basic Books, 1964. Trabalho original publicado em 1953.